

CHARITAS

PUBLICAÇÃO RESERVADA AOS SERVOS DA CARIDADE

A PATERNIDADE DE DEUS EM PADRE LUÍS GUANELLA

MENSAGENS DO SANTO PADRE

COMUNICAÇÕES

DECRETOS

COIRMÃOS FALECIDOS

Redazione: Casa Generalizia - Vicolo Clementi, 41 - 00148 Roma

EDIÇÃO PORTUGUESA

Ano XCI- Abril de 2013 - N. 229

CHARITAS n. 229
RESERVADO AOS SERVOS DA CARIDADE
ANO XCI - ABRIL DE 2013

Índice

CARTA DO SUPERIOR GERAL

A paternidade de Deus em Padre Luís Guanella	5
--	----------

MENSAGEM DO SANTO PADRE

Texto inédito do Papa Bento XVI publicado por ocasião do 50º aniversário do início do Concílio Vaticano II	15
--	-----------

COMUNICAÇÕES

A. Coirmãos	22
B. Eventos de consagração	27
C. Fatos e acontecimentos importantes	30

DECRETOS

1. Decreto de passagem de Residência para Casa religiosa	58
2. Decreto de ereção de novas Comunidades	59
3. Nomeações	60
4. Autorização para nomeações	63
5. Cambio de Província	65
6. Saídas - Ausências	65

COIRMÃOS DEFUNTOS

1. Pe. Mario Latini	67
2. Pe. Antonio Nastro	70
3. Pe. Vittorio Mosca	73

4. Pe. Loreto Domenico Della Morte	76
5. Pe. Luigi Lazzaro Frangi	80
6. Ir. Battista Nervi	82
7. Pe. Mario Gambuti	84

CARTA DO SUPERIOR GERAL

A PATERNIDADE DE DEUS EM PADRE LUÍS GUANELLA

*Por ocasião do ano da fé o Conselho geral quis priorizar a Paternidade de Deus, solicitada pela moção nº 3 do 19º CG: O XIX Capítulo geral encarregue algum coirmão para aprofundar o estudo dos temas específicos do nosso carisma: o **vínculo da caridade**, a **Paternidade de Deus** e a **nossa paternidade espiritual**. Depois será da alçada do Conselho geral preparar subsídios formativos relacionados com estes temas.*

De minha parte também gostaria de oferecer alguns pontos de reflexão para estimular a todos em viver, com paixão, a riqueza espiritual que nos advém da Paternidade de Deus.

*O papa Bento XVI, em suas audiências de quarta-feira, quis centralizar sua reflexão no tocante à fé. Justamente por isso iniciou com as primeiras palavras do Credo: **Creio em Deus Pai**.*

Em nossos dias – segundo o Pontífice – é difícil falar da paternidade humana, particularmente no Ocidente, onde as famílias desregradas, as incumbências do trabalho, sempre mais envolventes, as preocupações e muitas vezes a dificuldade de enquadrar os balanços familiares, a invasão dos meios de comunicação fazendo parte do dia a dia, são fatores que podem impedir um sereno e construtivo relacionamento entre pais e filhos.

Além disso torna-se problemático imaginar Deus como um pai, particularmente àqueles que não dispõem de um adequado ponto de re-

ferência. Quem, por exemplo, fez experiência de um pai demasiadamente autoritário e inflexível, indiferente e pouco afetuosos, ou mesmo ausente no dia a dia da família, encontrará dificuldades em pensar com serenidade em Deus como sendo um pai presente e abandonar-se confiante em seus braços.

Contudo, a Palavra de Deus nos assegura que Deus é verdadeiramente Pai, tendo-nos amado até o dom supremo do próprio Filho para a salvação da humanidade.

Depois o Papa deu continuidade à sua exposição levando-nos a refletir sobre a nossa condição de filhos: somos filhos frágeis e necessitados de tudo; e é justamente por motivo desta nossa fragilidade que se manifesta com maior intensidade a ternura e a bondade do Pai. E é também por causa da fragilidade das pessoas que o Senhor nos envia em missão para sermos também pais, imitando-O.

Mesmo que a nossa cultura hoje em dia não nos auxilia exprimir em termos humanos a riqueza espiritual do dom que o Senhor nos fez através do carisma, não podemos parar e lamentar-nos pela perda de valores, mas devemos testemunhar a beleza de ser família de Deus e ter recebido a missão em sermos família com os pobres.

Eis, atualmente, o primeiro desafio para nós, guanellianos! Temos uma especial responsabilidade: aquela de descobrir a beleza e o valor educativo do que significa ser pai/mãe nos moldes de Deus Pai/Mãe. É preciso, hoje em dia, que o carisma incida profundamente na cultura com os seus valores carismáticos. A nossa principal incumbência deve ser essa: transformar o carisma em cultura através do testemunho e do anúncio.

Os cristãos receberam o dom da paternidade de Deus através do mundo hebraico e os primeiros cristãos. Devemos aprofundar sempre mais este dom para que a nossa fé em Deus Pai não seja uma fé superficial, mas uma fé motivada em condições de ser testemunhada. É desta fé que o mundo tem urgente necessidade.

O carisma guanelliano é uma esperança para o nosso mundo atormentado. Devemos exultar por este carisma que recebemos e vivê-lo fielmente – seja em nosso relacionamento com Deus e em nosso próprio jeito de rezar – mas, também, como características do nosso relacionamento com todo o mundo, a partir de nossos coirmãos. O carisma deve permear e transformar toda a nossa vida.

Portanto, convido a todos de aprofundar o carisma não apenas em âmbito cultural, mas, também, como experiência espiritual e relacional,

como reforço da nossa identidade concedida pelo Espírito e, consequentemente, como alegria em pertencer à Família Guanelliana. O carisma guanelliano, com a espiritualidade que dele provém, constitui uma resposta segura a tantas exigências do coração do homem e é nosso dever torná-lo conhecido, doá-lo à Igreja e a todo o mundo em benefício de todos, iniciando pelos mais pobres.

A paternidade de Deus, fundamento do nosso carisma

A paternidade de Deus constitui o núcleo central da espiritualidade de Padre Guanella. O seu relacionamento com Deus, com os irmãos e com o mundo tem sua fonte e sua motivação – em sentido humano e sobrenatural – no dom (carisma) recebido de Deus. A experiência da paternidade de Deus é também a essência do carisma que Padre Guanella transmitiu a nós. Sendo assim é importante que nos interroguemos: que sentido tem para nós tudo isso?

*De um modo ou de outro, Deus nos chamou a participar deste carisma para que ele se torne a **alma da nossa vida, da nossa espiritualidade**. Isso é maravilhoso! É o fundamento do nosso ser **família!***

Quando nos encontramos sentimos de possuir algo em comum, que não é apenas o fato de pertencer a uma nação ou ter estabelecido laços de amizade por afinidade de caráter ou de projetos..., mas algo mais profundo: é um dom que provém do Espírito Santo e que nos torna família de Deus, que doa à nossa vida um sentido de confiança e que nos torna capazes de entender os pobres num modo singular...

Quando Padre Guanella recebe o carisma?

É óbvio que não se recebe o carisma numa única vez. Há toda uma preparação. A mim sempre pareceu ser particularmente importante o breve período transcorrido em Olmo. Sem uma intervenção pessoal do Senhor estes meses teriam sido tão somente de fracasso, de desilusão e de perda da esperança por não poder realizar aquilo que Deus lhe solicitava.

Ele sentia que Deus lhe pedia alguma coisa a mais e por isso teve a capacidade de renunciar a outros projetos como, por exemplo, ficar com Don Bosco. E quando – justamente em Olmo – cansado e sem con-

fiança sente de novo a tentação de retornar definitivamente aos Salesianos, Padre Guanella dá-se conta da forte advertência de Deus, que lhe pedia algo diverso. Então – mesmo considerando Don Bosco um pai – decide renunciar para sempre ao projeto salesiano para ficar numa atitude de espera e à disposição da vontade de Deus. É este o momento em que Deus se revela a si mesmo (a hora da misericórdia!).

*A revelação do carisma ocorre justamente nesta situação de desânimo, de pobreza material e quase de abandono, sem coragem, do projeto que Deus lhe colocara no coração. É neste momento que o fundador entende, ao invés, que – em relação a Deus – é necessário colocar à parte todo projeto humano pessoal para conseguir acolher e realizar o verdadeiro e único **Projeto**, aquele relacionado com o chamado. E nesta situação Padre Guanella goza espiritualmente ao tocar com a mão a Paternidade de Deus, que não abandona jamais e que, ao término, recompensa quem é fiel.*

*Padre Guanella consegue entender profundamente que Deus é Pai no momento de máxima dificuldade e de provação. E esta é uma garantia para dizer que o carisma está bem fundamentado. A presença do sofrimento do homem que precisa de Deus como pai é a experiência de base que todo homem deve fazer. Padre Guanella, portanto assume o compromisso de ser guiado pelo Pai em tudo aquilo que a Providência lhe permitirá fazer. Ele chama este tempo não apenas **Hora da Providência**, mas também **Hora da Misericórdia**.*

*Podemos dividir a vida de Padre Guanella em dois momentos: o primeiro podemos compará-lo à escalada de uma montanha, quando o homem se esforça de encontrar e atingir seus objetivos, mas experimenta a dificuldade do caminho íngreme e a falta de apoio de quem deveria auxiliá-lo... Tendo chegado ao topo com dificuldade (Olmo é um pico rochoso com 1000 metros de altitude...) acontece a iluminação, aquela do Tabor, do **Monte da felicidade!** E dali – à imitação dos discípulos do Mestre – inicia a sua **descida**, sente-se levado, impelido, convidado em não mais perder tempo, de correr em direção ao vale e quase à semelhança de uma avalanche que se destaca do monte e desce arrastando todos consigo, torna-se força de amor que ninguém e nada mais pode segurar...*

Em Olmo Padre Guanella recebe uma graça especial, vive uma experiência de Deus que o caracterizará por toda a vida: aquela da Sua Paternidade. A sua experiência humana – vivida no relacionamento familiar e em várias circunstâncias favoráveis – encontra agora a sua

plenitude no dom de Deus Pai. As experiências humanas não conseguem explicar plenamente este dom. Elas podem preparar, fazer entender, mas sem jamais fazê-lo saborear e amar como quando se recebe realmente de Deus.

As experiências humanas não podem explicar este dom plenamente. Elas podem preparar, fazer entender, mas jamais fazê-lo degustar e amar como quando se recebe realmente de Deus. É quanto salienta Padre Attilio Beria: no cimo de Olmo ocorre uma revelação da parte de Deus, um pouco semelhante à revelação de Paulo no caminho de Damasco, mesmo que em relação a Padre Guanella não se trate de uma novidade radical pelo próprio fato de poder contar com boas disposições para receber este dom. Mesmo assim nos defrontamos com uma graça extraordinária pela qual Padre Guanella recebe uma nova capacidade de interpretar a história a partir da experiência relacionada com a paternidade de Deus. Com a sua graça, Deus age de maneira tal que o projeto não pertença tão somente à pessoa chamada, não seja apenas um projeto humano, mas, sim, um projeto oriundo da sua vontade. Isso faz com que o êxito seja garantido (É a percepção de Padre Guanella em ter a Providência no bolso!).

E assim Padre Guanella vive a profunda convicção de assemelhar-se um pouco a um burrinho nas mãos da Providência. E isso sem sentir-se humilhado como se houvesse perda de valores e dignidade. Cada um de nós tem conhecimento do pronunciamento de Paulo VI no dia da Beatificação do Fundador quando o Pontífice colocou este interrogativo: O que podemos dizer de Padre Guanella? O que colher como sendo sua característica importante? A resposta foi imediata através uma clássica expressão: **É Deus quem faz!** Eis a vida e a obra de Padre Guanella. Ela foi modelada pelo próprio Deus, tornando-se a atitude fundamental para viver o seu carisma.

Da paternidade de Deus à paternidade humana

Em Olmo, portanto, houve uma revelação a respeito de **Deus-Pai**. Essa revelação assinala uma profunda mudança em sua postura perante o homem. Não mais aquele pessimismo, típico de seu tempo que o caracterizou até então: o pecador é como um **verme** que se arrasta sobre a terra.

A partir da experiência da paternidade de Deus recebem um outro sentido, até mesmo as limitações humana. O homem que, sem a graça

de Deus, é um amontoado de miséria, um verme, é elevado, através da graça, à dignidade de filho de Deus.

Padre Guanella chega ao ponto de dizer que – também para a pessoa limitada – há sempre a possibilidade de progresso e de redenção. Tal declaração constitui uma grande novidade no campo pedagógico de seu tempo. Até então, por exemplo, pensava-se que a ação de um criminoso ocorria devido à sua natureza intrinsecamente má. Por isso, para ele, não havia remédio, nem redenção. Padre Guanella – com suas intuições – ofereceu um estímulo positivo também ao desenvolvimento humano no que diz respeito à reabilitação. As pessoas portadoras de deficiência mental eram jogadas nos manicômios ou fechadas nas próprias casas para que – segregadas das demais pessoas – não fizessem mal a ninguém. Padre Guanella descobriu não apenas que estas pessoas são inofensivas, mas são, muitas vezes, as mais afetuosas em condições de auxiliar outras pessoas e a sociedade, elevando-se mediante o valor da simplicidade e da solidariedade.

Atualmente poderíamos aplicar este princípio a pessoas que, na sua infância, não usufruíram do amor de seus pais, devido à perda dos valores familiares, algo tão frequente em nossa sociedade. Se lhes faltou a experiência da paternidade humana permanece a certeza de um Deus que é Pai de todos e que pode dar as devidas condições para superar também esta dificuldade da vida.

O sofrimento e a própria morte à luz do carisma da Paternidade de Deus

Padre Guanella – e também nós, guanellianos –, somos frequentemente chamados a viver experiências de dor e de morte em nosso serviço prestado aos irmãos e precisamos dar um sentido da Paternidade de Deus a estas experiências.

Se pensamos que o próprio Cristo chega à plenitude da compreensão de Deus Pai precisamente na Cruz, onde – com total liberdade se abandona à sua vontade –, podemos também entender como Padre Guanella recebe a plenitude de seu carisma no momento mais difícil de sua vida. O sofrimento é necessário na vida do homem. As limitações são inerentes ao homem e quando ele quer escondê-las, em acreditar sem Deus chega, inevitavelmente, ao fracasso. Quando o homem rejeita em reconhecer que é mortal e faz de tudo para afastar de si a experiên-

cia da morte, ele se torna incapaz de interpretar a vida com maior otimismo e esperança. Isso significa que – vivendo a espiritualidade da paternidade de Deus –, estamos em condições de viver a experiência da morte num modo muito positivo.

Uma das experiências mais significativas que se faz em nossas Casas é aquela de acompanhar, no momento extremo da vida, muitas pessoas. A morte é um grande desafio para a sociedade hodierna. Muitas vezes o homem, em nossa sociedade moderna, encontra-se sozinho no mais importante momento da vida e a fé de Padre Guanella teve a intuição desta solidão dramática.

A Santa Cruzada de oração pelos agonizantes (a Pia União do Trânsito de S. José) foi a última intuição espiritual de Padre Guanella que levou à plenitude seu carisma de caridade. É com atenção espiritual ao último momento da vida da pessoa que se abre o novo horizonte de uma vida diversa e eterna. Padre Guanella também nos deixa este patrimônio e esta responsabilidade: dispor das devidas condições em orientar e viver a morte com sentido de fé e de esperança porque nos dá a segurança de encontrar o Pai que nos aguarda no Paraíso.

Particularmente neste ano em que celebramos o Centenário da aprovação da Pia União do Trânsito de São José em prol dos agonizantes, temos a possibilidade de aprofundar o sentido espiritual e humano desta intuição carismática do Fundador, vivê-la com renovado empenho e difundi-la entre os leigos.

Integração entre contemplação e ação

Uma outra característica da paternidade de Deus – em Padre Guanella – é a integração entre ação e contemplação, entre labor e mística. Todos os carismas, e em particular aquele da paternidade de Deus, tem como base a mística: cada carisma não pode subsistir tão somente na ascese ou na atividade. Se uma pessoa não se sente acolhida por Deus como um filho, não pode exprimir plenamente todo o carisma da paternidade de Deus. Mística significa contemplação de Deus, vê-lo, senti-lo e aproximar-se dele como alguém que se aproxima do pai nos momentos de oração, mas também agimos e nos relacionamos com o nosso próximo.

*Nós o manifestamos assim: **Ver Deus, servir Deus nos pobres.** Quem no-lo diz é o próprio Evangelho: tudo o que fizerdes a estes pe-*

queninos, vós o fazeis a mim. Nós, Guanellianos não damos apenas um copo de água, não só oferecemos Casas e coisas lindas para os pobres, mas fazemos de tudo para compartilhar a própria pobreza do homem e nela experimentar a presença de Deus... Nisto consiste a mística, aquela que escolheu o próprio Deus. Ele próprio se humilhou assumindo a natureza humana: **a kenosis**, até a identificação com uma pessoa portadora de deficiência, por todos rejeitada. Quem pode perceber algo de positivo numa pessoa portadora de deficiência profunda, rejeitada e marginalizada por todos? Apenas aquele que descobriu que Deus é Pai de todos. Por isso aquele pessoa deficiente também é **filho**, melhor: **é filho predileto do Pai** que se encontra nos céus. Esta é a mística da missão, a mística da caridade. Quando chegarmos a este ponto seremos santos! Padre Guanella é santo não porque fez coisas grandiosas, obras materiais extraordinárias, mas pela sua disponibilidade em deixar Deus agir, porque soube encontrar Deus na criatura mais humilde. Esta é a sua santidade!

A fé na Providência

A fé na Providência ocorre como consequência lógica do carisma guanelliano.

*Quando Padre Guanella afirma que lhe parecia ter a Providência no bolso, queria dizer que ele tinha feito um pacto com Deus que, externava com estas palavras: **Até a meia noite eu trabalho. Após a meia noite Deus pensará em agir.***

Crer na Providência pressupõe um empenho e a colaboração com a graça de Deus.

*A maneira mais clara de colaborar com Deus-Providência é certamente o trabalho, a fadiga. Ele inicia um de seus opúsculos (Operette) mais significativos de espiritualidade (Massime di spirito e di azione) falando da fadiga (do esforço): **trabalha até a meia noite e depois vai dormir; Deus fará o resto.** Eis o equilíbrio que lhe dá serenidade e tranquilidade. Quando alguns dos seus coirmãos lhe pedem: – O que será de nós quando não mais estarás conosco para nos conduzir? – Padre Guanella respondia com muita serenidade e simplicidade: **O Senhor enviará outros melhores em meu lugar para dar continuidade à obra. Se é obra de Deus e não minha, haverá quem dê continuidade!***

Paternidade-maternidade de Deus e espírito de família

Foi uma excelsa intuição do Papa João Paulo I aquele de afirmar que, em Deus, paternidade e maternidade estão profundamente unidas. Quando pensamos na Paternidade de Deus incluímos todos os valores e atitudes maternas de Deus já destacados no Antigo Testamento e que Jesus e a doutrina da Igreja complementaram.

Disto se deduz que também em Padre Guanella o carisma se exprime humanamente com a integração do elemento feminino com o masculino para realizar plenamente a caridade e o serviço aos pobres. Sempre no mesmo contexto não existe verdadeira família e não se pode ter crescimento harmônico dos filhos sem esta integração.

Daqui algumas consequências e empenhos específicos oriundos do carisma:

Acolher e oferecer um ambiente familiar àqueles que não tem ninguém

É preciso perceber claramente este clima de família em nossas Casas, por ser uma realidade específica do nosso espírito. Normalmente as pessoas que visitam as nossas Obras dizem que percebem isso, mesmo que hoje exista o perigo de ofuscá-lo privilegiando outros elementos mais técnicos e organizativos do nosso serviço.

Caracterizar a relação educativa com os nossos destinatários

O método educativo guanelliano não é uma simples metodologia, mas, sim, uma espiritualidade e, portanto, exige que se assimilem alguns valores interiores e algumas atitudes que nos possibilitem atingir o coração das pessoas com as quais convivemos. No Documento Base para Projetos educativos guanellianos estes valores e atitudes são bem descritas e motivadas.

Padre Guanella recebe e valoriza o sistema preventivo quando esteve com Don Bosco, mas acrescenta um estilo particular e pessoal para torná-lo adequado ao mundo da pobreza com a qual acrescenta uma modalidade particular e pessoal para torná-lo adequado ao mundo da pobreza com a qual convivia, ou seja: em condições de conquistar também as pessoas menos inteligentes ou mais afastadas da Igreja.

Também hoje dispomos de muitas coisas a serem ditas ao mundo, voltadas para a educação que encontra-se envolta em profunda crise

devido à crise da figura e da função paterna na cultura ocidental de liberdade e de auto-realização.

A nossa proposta educativa – alicerçada no carisma da paternidade de Deus – é uma característica privilegiada do nosso serviço caritativo, pelo qual podemos manifestar todo o potencial da paternidade e fecundidade espiritual de quem entendeu o modo paterno com o qual Deus educa a todos nós.

Uma conclusão entusiasta!...

O carisma nos torna evangelizadores, educadores da fé, mas, sobretudo, pais.

São Paulo, dirigindo-se aos fiéis de Corinto assim se apresenta: Vós podeis ter muitos pedagogos, muitos mestres e educadores, mas um só é vosso pai: eu vos tenho gerado para Cristo.

O pai, numa família, é aquele que gera não só física, mas moral e espiritualmente, educando o coração do próprio filho.

Deste modo também nós – se queremos aplicar corretamente o método educativo em base ao princípio que toda obra humana é participação à paternidade de Deus –, deveríamos nos empenhar seriamente em realizar a finalidade específica de cada paternidade que gera, aquela de elevar e fazer crescer a pessoa em todas aquelas atitudes que fazem dela um verdadeiro pai, uma mãe segundo a vontade de Deus.

Então, de um modo ou de outro, todos somos pais. Não se pode transmitir educação sem amor. Continuamente repetimos: a educação é obra do coração e como tal deve estar em condições de poder atingir o coração do outro, para gerar nele desenvolvimento moral, espiritual, de maneira tal que possa atingir o coração do outro, para gerar nele um desenvolvimento moral, espiritual de tal maneira que aprenda, ao seu redor, a crescer continuamente em sua possibilidade de transmitir amor em torno a si.

P. ALFONSO CRIPPA
Superiore geral

Roma, 19 de março de 2013
Solenidade de São José

MENSAGEM DO SANTO PADRE

TEXTO INÉDITO DO PAPA BENTO XVI PUBLICADO POR OCASIÃO DO 50º ANIVERSÁRIO DO INÍCIO DO CONCÍLIO VATICANO II

Foi um dia maravilhoso aquele 11 de Outubro de 1962 quando – com a entrada solene de mais de dois mil Padres conciliares na Basílica de São Pedro em Roma – houve a abertura do Concílio Vaticano. Em 1931, Pio XI colocara no dia 11 de outubro a festa da Maternidade Divina de Maria, em recordação do fato que mil e quinhentos anos antes, em 431, o Concílio de Éfeso reconheceu esse título de Maria para expressar – deste modo – a união indissolúvel de Deus e do homem em Cristo. O Papa João XXIII fixara o início do Concílio para tal dia com o fim de confiar à grande assembleia eclesial, por ele convocada, à bondade materna de Maria e ancorar firmemente o trabalho do Concílio no mistério de Jesus Cristo. Foi impressionante ver entrar os bispos provenientes de todo o mundo, de todos os povos e raças: uma imagem da Igreja de Jesus Cristo que abraça todo o mundo, na qual os povos da terra se sentem unidos na sua paz.

Foi um momento de expectativa extraordinária pelas grandes coisas que deviam acontecer. Os concílios anteriores tinham sido quase sempre convocados em vista de uma questão concreta à qual deviam responder; desta vez não havia nenhum problema particular a ser resolvido. Mas, por isso mesmo, pairava no ar um sentido de expectativa geral: o cristianismo, que construíra e plasmara o mundo ocidental, parecia perder cada vez mais a sua força eficaz. Mostrava-se cansado e parecia que o futuro fosse determinado por outros poderes espirituais.

Esta percepção do cristianismo ter perdido o presente e da tarefa que daí derivava estava bem resumida pela palavra *atualização*: o cristianismo deve estar no presente em condições de plasmar o futuro. Para que pudesse voltar a ser uma força que modela o porvir, João XXIII convocara o Concílio sem indicar problemas concretos ou programas. Foi esta a grandeza e ao mesmo tempo a dificuldade da tarefa que se apresentava à assembleia eclesial.

Obviamente, cada um dos episcopados aproximou-se do grande acontecimento com ideias diferentes. Alguns chegaram com uma atitude mais de expectativa quanto à programação que devia ser desenvolvida. Foi o episcopado do centro da Europa – Bélgica, França e Alemanha – que se mostrou mais decidido nas ideias. Embora a ênfase no pormenor se voltasse a aspectos diversos, havia, contudo algumas prioridades comuns. Um tema fundamental era a eclesiologia, que devia ser aprofundada sob os pontos de vista da história da salvação, trinitário e sacramental; a isto vinha juntar-se a exigência de completar a doutrina do primado do Concílio Vaticano I através de uma valorização do ministério episcopal. Um tema importante para os episcopados do centro da Europa era a renovação litúrgica, que Pio XII já iniciara. Outro ponto central posto em realce, especialmente pelo episcopado alemão, era o ecumenismo: o fato de terem suportado juntos a perseguição da parte do nazismo aproximara muito os cristãos protestantes e católicos; agora isto devia ser compreendido e continuado em âmbito de toda a Igreja. A isto acrescentava-se o ciclo temático Revelação-Escritura-Tradição-Magistério. Entre os franceses, foi sobressaindo cada vez mais o tema da relação entre a Igreja e o mundo moderno, isto é, o trabalho sobre o chamado «Esquema XIII», do qual nasceu depois a *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo*. Atingia-se aqui o ponto da verdadeira expectativa suscitada pelo Concílio. A Igreja, que ainda na época barroca tinha em sentido lato plasmado o mundo, a partir do século XIX entrou num modo cada vez mais evidente quanto à relação negativa com a era moderna então plenamente iniciada. As coisas deviam continuar assim? Não podia a Igreja dar um passo positivo em tempos novos? Por detrás da vaga expressão *mundo de hoje*, encontra-se a questão da relação com a era moderna; para esclarecê-la, teria sido necessário definir melhor o que era essencial e constitutivo da era moderna. Isto não foi conseguido no *Esquema XIII*. Embora a *Constituição pastoral* exprima muitos elementos importantes para a compreensão *do mundo* e dê contribuições relevantes sobre a questão da ética cristã, no aspecto supra citado não conseguiu oferecer um esclarecimento substancial.

Inesperadamente, o encontro com os grandes temas da era moderna não se dá na grande *Constituição pastoral*, mas em dois documentos menores, cuja importância só pouco a pouco se foi manifestando com a aceitação do Concílio. Trata-se, antes de tudo, da *declaração sobre a liberdade religiosa*, solicitada e

preparada com grande empenho sobretudo pelo episcopado americano. A doutrina da tolerância, tal como fora pormenorizadamente elaborada por Pio XII, já não se mostrava suficiente face à evolução do pensamento filosófico e de que modo se concebia o Estado moderno. Tratava-se da liberdade de escolher e praticar a religião e também da liberdade de mudar de religião, por serem direitos fundamentais da liberdade do homem. Pelas suas razões mais íntimas, tal concepção não podia ser alheia à fé cristã, que entrara no mundo com a pretensão de que o Estado não poderia decidir acerca da verdade nem exigir qualquer tipo de culto. A fé cristã reivindicava a liberdade para a convicção religiosa e a sua prática no culto, sem com isso violar o direito do Estado no seu próprio ordenamento: os cristãos rezavam pelo imperador, mas não o adoravam. Sob este ponto de vista, pode-se afirmar que o cristianismo, com o seu nascimento, trouxe ao mundo o princípio da liberdade de religião. Todavia a interpretação deste direito à liberdade no contexto do pensamento moderno ainda era difícil, porque podia parecer que a versão moderna da liberdade de religião propusesse a inacessibilidade da verdade ao homem e, conseqüentemente, deslocasse a religião do seu fundamento para a esfera do subjetivo. Certamente foi providencial que, treze anos depois da conclusão do Concílio, tivesse vindo o Papa João Paulo II de um país onde a liberdade de religião era contestada pelo marxismo, ou seja, a partir de uma forma particular de filosofia estatal moderna. O Papa vinha quase de uma situação que se parecia com a da Igreja antiga, de modo que se tornou de novo visível o íntimo e o ordenamento da fé ao tema da liberdade, sobretudo a liberdade de religião e de culto.

O segundo documento, que se havia de revelar depois importante para o encontro da Igreja com a era moderna, nasceu quase por acaso e cresceu com sucessivos estratos. Refiro-me à declaração *Nostra aetate, sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs*. Inicialmente havia a intenção de preparar uma declaração sobre as relações entre a Igreja e o judaísmo, um texto que se tornou intrinsecamente necessário depois dos horrores do Holocausto. Os Padres conciliares dos países árabes não se opuseram a tal texto, mas explicaram que, se se queria falar do judaísmo, então era preciso dedicar também algumas palavras ao islamismo. Quanta razão tivessem a este respeito, só pouco a pouco o fomos compreendendo no ocidente. Por fim cresceu a intuição de que era justo falar também de outras duas grandes religiões – o hinduísmo e o budismo – bem como do tema da religião em geral. A isto se juntou depois espontaneamente uma breve instrução relativa ao diálogo e à colaboração com as religiões, cujos valores espirituais, morais e sócio-culturais deviam ser reconhecidos, conservados e promovidos (cfr. n. 2). Assim, num documento específico e extraordinariamente denso, inaugurou-se um tema cuja importância na época ainda não era previsível. Cada vez se tornam mais evidentes tanto a tarefa, que o mesmo implica, bem como a fadiga ainda necessária para tudo dis-

tinguir, esclarecer e compreender. No processo de recessão ativa, pouco a pouco veio igualmente à tona uma debilidade deste texto em si extraordinário: só fala da religião na sua performance positiva e ignora as formas doentias e falsificadas de religião, que têm – do ponto de vista histórico e teológico – um vasto alcance; por isso, desde o início, a fé cristã foi muito criticada em relação à religião, tanto em si mesma como no mundo exterior.

Se no início do Concílio prevaleceram os episcopados do centro da Europa, com os seus teólogos, nas sucessivas fases conciliares o leque do trabalho e da responsabilidade comum foi cada vez mais se alargando. Os bispos reconheciam-se aprendizes na escola do Espírito Santo e na escola da colaboração recíproca, mas foi precisamente assim que se reconheceram servos da Palavra de Deus que vivem e trabalham pela fé. Os Padres conciliares não podiam nem queriam criar uma Igreja nova, diversa. Não tinham o mandato nem o encargo para o fazer: eram Padres do Concílio com uma voz e um direito de decisão só enquanto bispos, quer dizer em virtude do sacramento e na Igreja sacramental. Então não podiam nem queriam criar uma fé diversificada ou uma Igreja nova, mas ambas compreendê-las de modo mais profundo e, conseqüentemente, *renová-las* de verdade. Por isso, uma hermenêutica da ruptura é absurda, contrária ao espírito e à vontade dos Padres conciliares.

No cardeal Frings, tive um «pai» que viveu de modo exemplar este espírito do Concílio. Era um homem de abertura e grandeza significativas, mas sabia também que só a fé nos guia para se fazer ao largo, em meio àquele horizonte amplo que resta impedido ao espírito positivista. É esta fé que queria servir com o mandato recebido através do sacramento da ordenação episcopal. Não posso deixar de lhe estar sempre grato por me ter trazido – a mim, o professor mais jovem da Faculdade teológica católica da universidade de Bonn – como seu consultor na grande assembleia da Igreja, permitindo que eu estivesse presente nesta escola e percorresse, em seu interior, o caminho do Concílio. Este livro reúne os diversos escritos, com os quais pedi a palavra naquela escola; trata-se de pedidos de palavra totalmente fragmentários, dos quais transpõe o próprio processo de aprendizagem que o Concílio e a sua recessão significaram e ainda significam para mim. Em todo o caso espero que estes vários contributos, com todos os seus limites – possam, em seu conjunto –, auxiliar em compreender melhor o Concílio e a traduzi-lo numa justa vida eclesial. Agradeço sentidamente ao arcebispo Gerhard Ludwig Müller e aos colaboradores do *Instituto Papst Benedikt XVI* pelo extraordinário compromisso que assumiram em compor este livro.

*Castel Gandolfo,
na memória do bispo Santo Eusébio de Vercelas, 2 de Agosto de 2012*

BENTO XVI: UM PONTIFICADO CENTRALIZADO NA CARIDADE

*A caridade ocupou um lugar central no pontificado de Bento XVI a partir de suas encíclicas até a mensagem para a próxima Quaresma. Nela ele afirma que **crer na caridade suscita caridade**. Este termo evangélico, descreve o próprio Papa, recorda-nos que não há uma verdadeira Eucaristia caso não se tornar pão partido para os outros, **amor pelos últimos**. Com veemência Dom Enrico Feroci, diretor da Caritas diocesana de Roma, salienta o precioso e magistral ensinamento do Pontífice em âmbito caritativo. E através da memória reporta gestos e momentos dos encontros entre ele e o Santo Padre, por ocasião de suas visitas a diversos locais da Capital.*

Quando há três anos, em data de 14 de fevereiro de 2010, o Papa veio encontrar-nos na rua Marsala – junto à estação Termini – uma senhora saudou o Pontífice em nome de todos. Enquanto ela falava, notei que se comovera. Tinha os olhos lacrimejantes ao ouvir que os pobres teriam rezado por ele. A sua humanidade nos tocou muitíssimo: um grande sinal da sua participação, não apenas com a inteligência, mas também com o coração

Um outro encontro histórico ocorreu no dia 11 de junho de 2011, quando na Sala Paulo VI o Pontífice quis receber em audiência representantes de diversas etnias *rom e cigana*. *Jamais o vosso povo seja objeto de humilhações, de rejeição e de desprezo! De vossa parte, procurai sempre a justiça, a lealdade, a reconciliação e esforçai-vos em jamais ocasionardes sofrimento a outras pessoas*. Foi o que destacou naquela ocasião. *Um evento deveras inesquecível: pela primeira vez um Papa recebeu em sua casa o povo dos rom e dos sinti, recordando a perseguição sofrida durante a segunda guerra mundial e demonstrando o seu afeto pelo mundo cigano em geral*, comenta Marco Impagliazzo, presidente da comunidade de Santo Egidio, que nestes oito anos de pontificado teve, em diversas circunstâncias o dom da presença de Bento XVI. Em data de 27 de dezembro de 2009 – festa da Sagrada Família –, o Pontífice quis assentar-se à mesa com os pobres na rua Dandolo, administrada pela Comunidade.

Para acolhê-lo, além dos representantes de Santo Egidio e dos voluntários havia, também, uma mulher *romní* e um imigrante do Senegal. Almoçando juntamente com os 150 hóspedes ele evidenciara em seu discurso: *Hoje se realiza aqui o que ocorre em casa: quem serve e ajuda se confunde com aquele que é auxiliado e servido; e no primeiro lugar encontra-se o mais necessitado*. Para Impagliazzo foram palavras chave *para entender que os pobres não são clientes da Igreja, mas que o espírito da mesa assemelha-se àquele de uma família: não existe separação entre voluntários e hóspedes*.

Recentemente, em data de 18 de novembro de 2012, Bento XVI visitou a casa *Viva gli anziani*, sob a custódia de Santo Egídio, oferecendo tópicos de reflexão quanto ao valor da velhice e da vida aos hóspedes. O presidente da Comunidade recorda *o sentido de humildade, humanidade e cortesia transmitido pelo Papa: ele ouviu tantas histórias, dialogou com muitas pessoas, demonstrando saber estar perto das pessoas em situação difícil e convidando-as a rezar, a ser intercessores junto de Deus. É bem essa a missão que ele escolheu de viver com a sua renúncia ao pontificado.*

«Algumas vezes a tendência é reduzir a palavra **caridade** à solidariedade ou ao simples auxílio humanitário. Todavia é importante recordar que a maior obra de caridade é justamente a evangelização, ou seja: **o serviço da Palavra**. Não existe ação mais benéfica – e, portanto, caritativa –, voltada ao próximo do que esta de partir o pão da Palavra de Deus, torná-lo participante da Boa Nova do Evangelho, introduzi-lo no relacionamento com Deus: a evangelização é a mais alta e integral promoção da pessoa humana»: quem o afirma é o Papa Bento XVI em sua mensagem para a Quaresma de 2013 com este tema: *Crer na caridade suscita caridade – nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem para conosco (1 Jo 4, 16)*, apresentado hoje na sala de imprensa do Vaticano. A união entre **fé e caridade** é desenvolvido pelo Papa em duas dimensões: a primeira, teológica, na qual analisa de que modo a fé constitua **uma resposta ao amor de Deus** e a caridade, por sua vez, uma manifestação concreta da **vida na fé**. E o segundo, ao invés – mais prático e existencial –, na qual a pessoa que crê é chamada a mostrar, trâmite as **obras concretas de caridade**, quanto a sua vida mudara após ter experimentado o **amor de Deus**.

Uma adesão pessoal. *No início do ser cristão* – escreve o Papa, mencionando a Encíclica *Deus Caritas est* – não ocorre uma decisão ética ou uma grande ideia, mas sim o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que proporciona à vida um novo horizonte e com ele o rumo decisivo... Como Deus nos amou por primeiro o amor, agora, não é mais um *mandamento*, mas é a *resposta ao dom do amor com o qual Deus vem ao nosso encontro*. Deste modo a fé constitui aquela adesão pessoal – que inclui todas as nossas faculdades – unindo-as à revelação do amor gratuito e **apaixonado** de Deus por nós. Bento XVI, todavia, enfatiza que este «*é um processo que permanece de contínuo no caminho: o amor jamais se conclui e complementa*», ou melhor, o cristão *mantém-se aberto num modo profundo e concreto ao amor pelo próximo* numa disposição profunda em relação à caridade. Esta última, no mais, é apresentada com um **caminhar na verdade**, isto é, um dinamismo interior e exterior que – enquanto apresenta progressivamente o *amor de Deus*, move também o crente a *colocar em prática* este amor recebido, beneficiando os demais, particularmente os mais necessitados.

Entre “fé” e “ativismo” moralista o Papa adverte a esta altura da mensagem para a Quaresma. Facilmente, hoje em dia, corre-se o risco de cair nele. Por isso

ele escreve: *está bem claro que jamais se pode separar, nem mesmo opor fé e caridade*. Estas duas virtudes teológicas estão intimamente unidas. Não existe entre elas um contraste ou uma *dialética*. Por um lado – o Papa o explica –, é limitada a atitude de quem salienta num modo tão acentuado a prioridade da fé a tal ponto de menosprezar ou quase desprezar as obras concretas da caridade, reduzindo-a a um *genérico humanitarismo*. *Por outro lado não deixa de ser limitado sustentar uma exagerada supremacia da caridade e de sua operosidade pensando que as obras substituam a fé*. Sim, para se ter uma adequada vida espiritual é necessário afastar-se, seja do fideísmo como do ativismo moralista. Por isso mesmo é bem aqui que Bento XVI aprofunda o significado de **caridade**, unindo-o ao seu ponto mais elevado, que consiste na evangelização. Citando Paulo VI, afirma – de fato – que o *anúncio de Cristo é o primeiro e principal fator de desenvolvimento*. E para explicar esta verdade acrescenta que *as obras da caridade não são fruto principalmente do esforço humano, do qual orgulhar-se, mas da própria fé*, testemunhando Cristo de fato.

Voltar-se para o futuro com esperança. Na parte final da mensagem, o Papa retorna aos conteúdos teológicos do relacionamento fé-caridade. Recorda que *a fé – dom e resposta – nos possibilita conhecer a verdade de Cristo como Amor encarnado e crucificado, plena e perfeita adesão à vontade do Pai e infinita misericórdia em relação ao próximo*. Esta mesma fé nos convida observar o futuro com a virtude da esperança, no aguardo confiante que a vitória do amor de Cristo chegue à sua plenitude. Além disso a caridade nos possibilita penetrar no amor de Deus manifestado em Cristo, nos faz aderir num modo pessoal e existencial em doar-se totalmente e sem reservas ao Pai e aos irmãos que nem Jesus. A mensagem, portanto, chama cada fiel a interrogar-se quanto à própria fé, se de fato *ela se volta para a caridade, revelando-se genuína*, isto é se consegue revelar-se através de obras concretas. Neste sentido Bento XVI define a caridade *efetivação de todas as virtudes*.

* * *

No decurso deste ano o Papa emérito Bento XVI nos apresentou duas mensagens sobre a caridade, impressas por ocasião da Quaresma e depois pela Jornada Mundial de oração para as vocações e quase ao término do ano um Motu Próprio para o Serviço da Caridade: Íntima Natureza da Igreja. Três aspectos diversos, mas que, ao término, podem enriquecer a nossa espiritualidade guanelliana com base na caridade¹.

¹ Mensagem do Santo Padre Bento XVI por ocasião da Quaresma 2012: Mensagem do Santo Padre Bento XVI para a Jornada Mundial de Oração pelas vocações - 29 de abril de 2012 - IV Domingo da Páscoa; Carta Apostólica, em forma de Motu Proprio do Sumo Pontífice Bento XVI em relação ao serviço da caridade.

COMUNICAÇÕES

A) COIRMÃOS

a) PRESENCAS ATÉ O FIM DE DEZEMBRO DE 2012

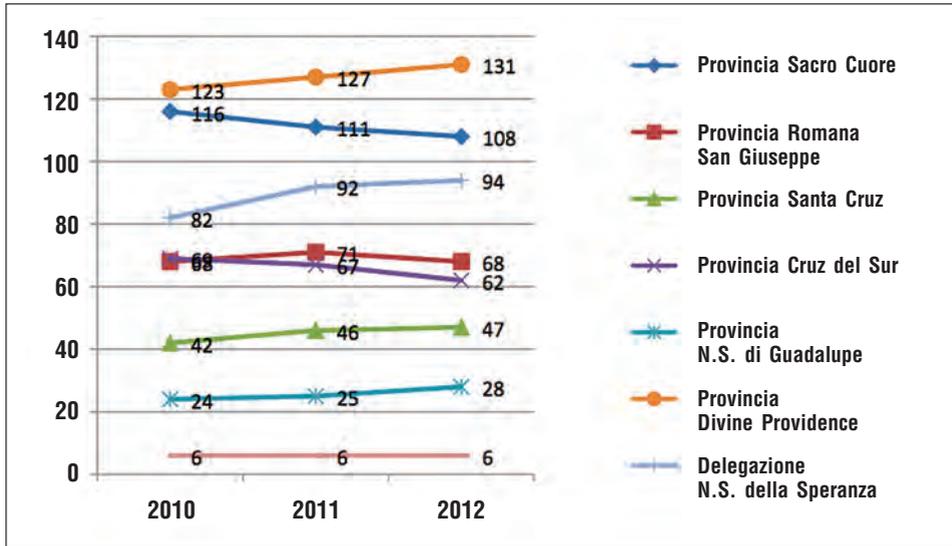
	Bispos	Sacerdotes	Clérigos	Irmãos	Total
Perpétuos	1	320	10	34	365
Temporários	—	—	149	4	153
Noviços	—	—	—	—	25
Totais	1	320	159	38	543

b) NA GEOGRAFIA DA CONGREGAÇÃO

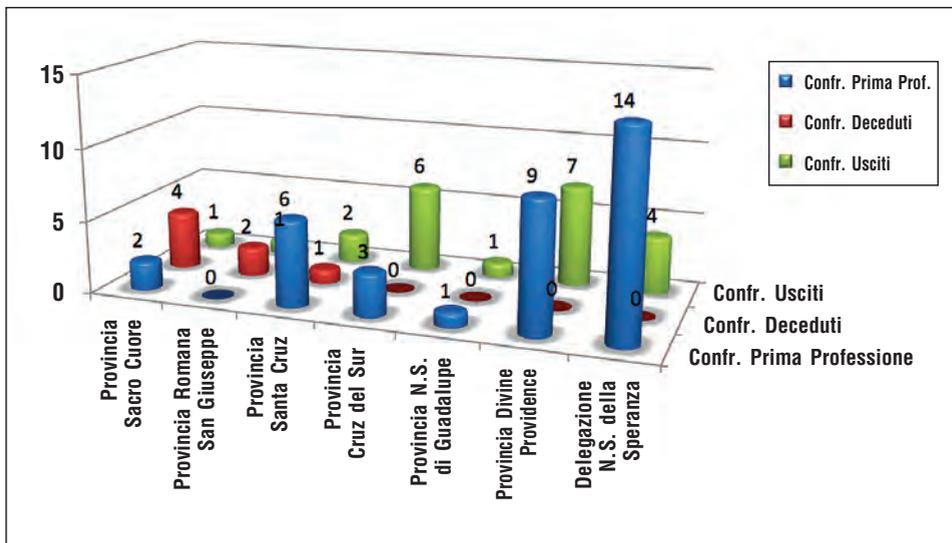
Nação	Comunidade	Professos perpétuos				Temporales		Noviços	Total
		bispos	sacerdotes	clérigos	irmãos	clérigos	irmãos		
Argentina	6	—	16	—	4	13	—	11	44
Brasil	10	1	28	—	5	3	—	—	37
Chile	3	—	10	—	5	—	—	—	15
Colômbia	2	—	3	—	—	—	—	—	3
Colômbia (C.G.)	1	—	3	—	—	3	—	—	6
Espanha	2	—	5	—	1	—	—	—	6
Espanha (C.G.)	1	—	3	—	—	—	—	—	3
Filipinas	2	—	8	—	—	2	—	2	12
Ghana	1	—	3	—	—	2	1	—	6
Guatemala	1	—	3	—	—	—	—	—	3
Índia	5	—	34	1	—	56	—	8	99
Israele	1	—	2	—	1	—	—	—	3
Itália (S. Cuore)	19	—	85	—	8	2	1	—	96
Itália (Romana)	11	—	58	—	1	—	1	—	60
Itália (Cúria)	2	—	11	8	—	15	—	—	34
México	4	—	6	—	1	—	—	—	7
Nigéria	2	—	7	1	3	33	—	4	48
Paraguai	3	—	8	—	1	—	—	—	9
Polónia	—	—	2	—	—	—	—	—	2
R.D. Congo	2	—	7	—	4	20	1	—	32
Suíça	1	—	5	—	—	—	—	—	5
U.S.A.	2	—	11	—	—	—	—	—	11
Vietnam	1	—	2	—	—	—	—	—	2
Totais	82	1	320	10	34	149	4	25	543

c) GRÁFICO ESTATÍSTICA 2012

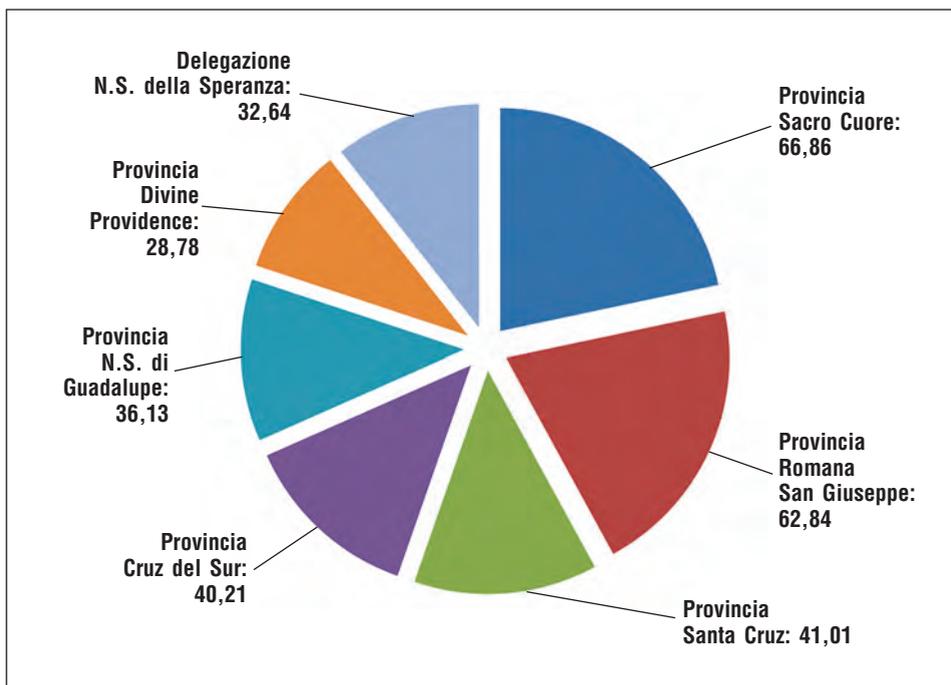
1) Variação no número dos coirmãos nas respectivas Províncias: (como se observa só se levam em consideração os últimos três anos. Nas cifras estão incluídos desde os noviços até os coirmãos de votos perpétuos segundo a Província de pertença, não só relacionados os coirmãos que saíram e consta como presente a Cúria generalícia)



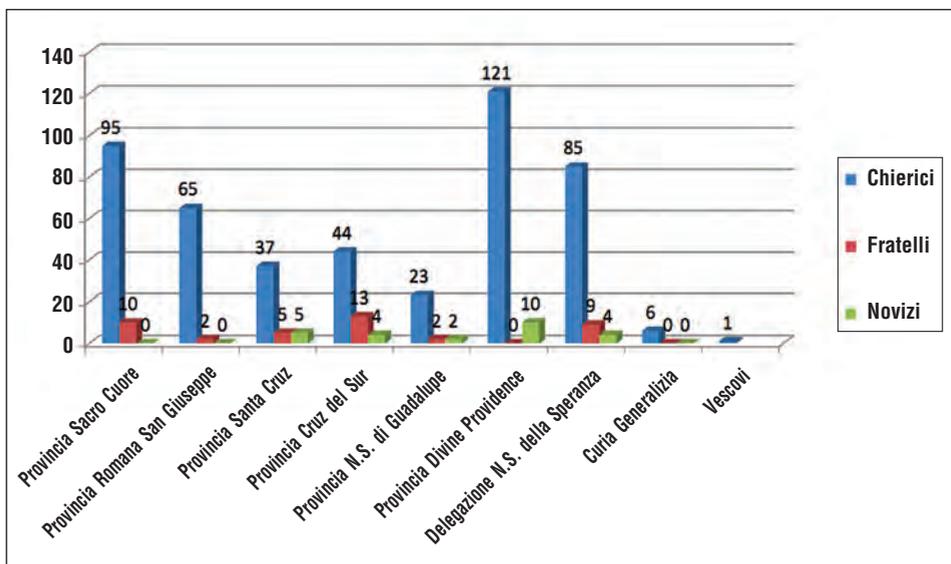
2) Coirmãos que fizeram a Primeira Profissão, falecidos, e saídos em 2012



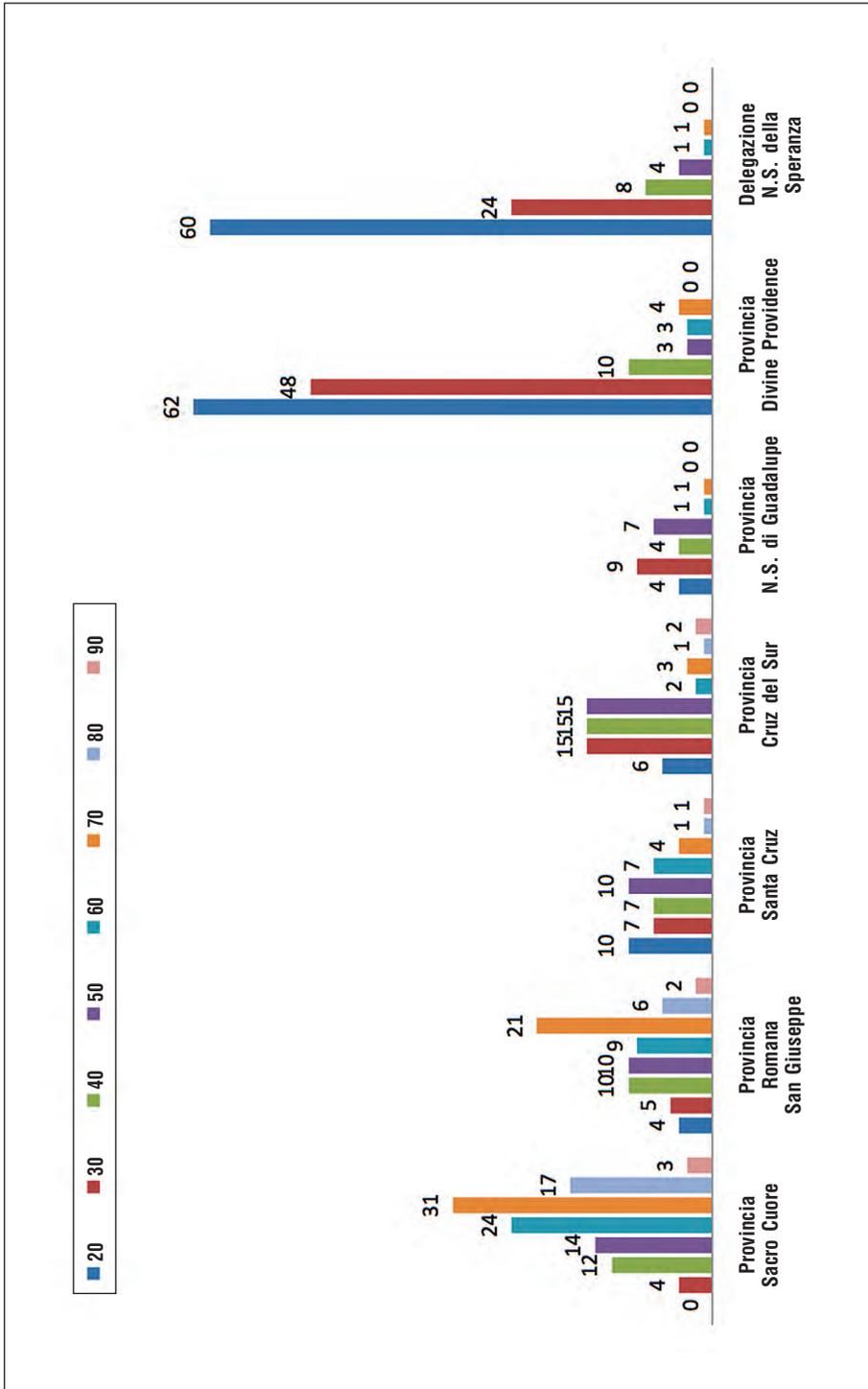
3) Média de idade dos coirmãos de cada Província



4) Distribuição dos coirmãos por pertença às respectivas Províncias em 2012 à Cúria generalícia e no múnus do episcopado



5) Quantidade dos coirmãos nas Províncias por faixa etária



d) DATAS FESTIVAS EM 2013

1. Noventa e mais		Anos
Romanò Pe. Luigi	09-03-1916	97
Bredice Pe. Armando	22-08-1917	96
Cantoni Pe. Giuseppe	16-07-1920	93
Credaro Pe. Tito	11-02-1922	91
Vaccari Pe. Danilo	01-12-1922	»
Invernizzi Pe. Antonio	06-12-1922	»
Altieri Pe. Vincenzo	11-12-1922	»
Belotti Pe. Francesco	06-02-1923	90
Di Ruscio Pe. Romano	24-04-1923	»
2. Ultra-octogenários		
Fogliamanzillo Ir. Salvatore	05-04-1924	89
Moroni Pe. Angelo	25-09-1924	»
Altieri Pe. Marcello	27-12-1924	»
Rizziero Pe. Giuliano	29-12-1924	89
Castelnuovo Pe. Mario	23-08-1925	88
Maglia Pe. Carlo	21-07-1926	87
Liborio Pe. Battista	05-09-1926	»
Maniero Pe. Pietro	18-05-1927	86
Pasquali Pe. Pietro	09-10-1927	»
Gandossini Pe. Anselmo	22-07-1928	85
Gridelli Pe. Tonino	13-12-1928	»
Scano Pe. Pietro	15-06-1929	84
Tamburini Pe. Antonio	23-10-1929	»
Casali Pe. Tarcisio	10-02-1930	83
Cornaggia Pe. Franco	11-12-1930	»
Sala Pe. Mario	08-01-1931	82
Gasparoli Pe. Mario	08-06-1931	»
Zanella Pe. Settimo	10-06-1931	»
Merlin Pe. Giuseppe	22-09-1931	»
Brulletti Pe. Pietro	24-09-1931	»
Bini Pe. Giuseppe	04-10-1931	»
3. Octogésimo aniversário		
Giannini Pe. Giuseppe	16-08-1933	
Viganò Pe. Piero Giovanni	05-11-1933	
Terzaghi Pe. Leonardo	20-11-1933	

4. Quinquagésimo aniversário

Arija Garcia Pe. Juan Manuel	01-01-1963
Rodríguez Caballero Pe. Marcial	30-06-1963
Vogt Pe. Mauro	28-07-1963
Valisi Ir. Carlo Ivano	13-12-1963

5. Quinquagésimo de Profissão

Troncoso Salazar Pe. José Carlos	12-03-1963
Galli Pe. Giuseppe	24-09-1963
Oggioni Pe. Paolo	24-09-1963
Simion Pe. Vincenzo	24-09-1963

6. Vinte e cinco anos de Profissão

Maidana Muñoz Ir. Hugo Eduardo	01-03-1988
Arockiasamy Pe. John Bosco	08-09-1988

7. Cinquenta anos de Ordenação

Gandossini Pe. Anselmo	23-06-1963
Simion Pe. Pier Giorgio	23-06-1963
Minetti Pe. Oronzo	30-06-1963

8. Vinte e cinco anos de Profissão

Biondo Pe. Arcangelo	26-03-1988
Lorenzetti Pe. Fabio	23-04-1988
Frasson Pe. Agostino	11-06-1988

B) EVENTOS DE CONSAGRAÇÃO

a) Noviços

1. Bangalore (Província Divina Providência)

Alexis Francis Xavier
Almaraj Johnson Rajesh Kumar
Bisa Bea Gilberto
Latorre Barquilla Dennis

Maria Nathan Bosco Yesuraj
Mariya Anthuvan Arun David
Packiam Kulandai
Prasad Vijay Kumar Pilla
Sebastian Arockia Nathan
Solomon Stalin

2. Luján (Província Cruz do Sul - Província Santa Cruz - Província N.S. de Guadalupe)

Almeyda John René
Aquino Marquez Arturo
Díaz Cáceres Benoní
Fachin Perini Marcio Antonio
Garcete Ramos Edelberto
Hüning Ricardo
Kroetz Alexandre
Monaco Rodrigo
Ovelar Ruiz Díaz Luis Ernesto
Souza Santos Renan Rafael
Zwirtes Sulzbaker Diovane

3. Nnebukwu (Delegação N.S. da Esperança)

Akong Christopher
Ekpo Mark
Kapapa Joel
Mongi Herman

b) PRIMEIRA PROFISSÃO RELIGIOSA

Anthony Jayaraj Saul
Irudaya Raj Vanthu Rayar
Jeyaseelan Martin
Joseph Susaikannu
Maria Antony Raj Savari Viagappan
Packia Raj Sebastian
Praveen Louis Raj
Robert Kennedy Jesu
Vinnarasan Isaac
Biancotto Stefano

Província Divina Providência
Província Sagrado Coração

Pozzoli Paolo	<i>Província Sagrado Coração</i>
Brítez Arlindo	<i>Província Cruz do Sul</i>
Da Silva Martins Gildenor	<i>Província Santa Cruz</i>
De Abreu Eli Marcel	<i>Província Santa Cruz</i>
De Macedo Elimar Antonio	<i>Província Santa Cruz</i>
Do Santos Costa Francisco Bernardone	<i>Província Santa Cruz</i>
Gonçalves Valdecir	<i>Província Santa Cruz</i>
Peredes Armoa Juan Carlos	<i>Província Santa Cruz</i>
Rodríguez Caballero Luis	<i>Província Santa Cruz</i>
Santos Da Silva Tiago	<i>Província Santa Cruz</i>
Vargas Villamizar Rubén Darío	<i>Província Santa Cruz</i>
Amodu Ochoyoda Benjamin	<i>Delegação N.S. da Esperança</i>
Baya Vangu Junior Joseph	<i>Delegação N.S. da Esperança</i>
Ilumu Kibuba Gabriel Sedar	<i>Delegação N.S. da Esperança</i>
Likita Neope Philimon	<i>Delegação N.S. da Esperança</i>
Njoku Onyedikachukwu Felix	<i>Delegação N.S. da Esperança</i>
Nland Massaba Landry Pierre	<i>Delegação N.S. da Esperança</i>
Nwanze Nwaebuni Stephen	<i>Delegação N.S. da Esperança</i>
Nzoloko Kisambu Rodrigue	<i>Delegação N.S. da Esperança</i>
Okafor Udoka Uchenna Jonathan	<i>Delegação N.S. da Esperança</i>
Oparaugo Chidiebere MacDonald	<i>Delegação N.S. da Esperança</i>
Pay-Pay Guiwini Jethro Thomas	<i>Delegação N.S. da Esperança</i>
Terkula Ierkpen Patrick	<i>Delegação N.S. da Esperança</i>
Ufinama Ntenda Gabriel	<i>Delegação N.S. da Esperança</i>
Valentine Chidozie Patrick	<i>Delegação N.S. da Esperança</i>

c) PROFISSÃO PERPÉTUA

Makalu Nzioko Jean De Dieu	(R.D. Congo) em Kinshasa	24-10-2012
Mbanga Musi Leon	(R.D. Congo) em Kinshasa	24-10-2012

d) PROFISSÃO PERPÉTUA E DIACONATO

Maria Soosai Dominic			
Sebastian Baskar	(Índia) em Poonamallee	11-02-2012	12-02-2012
Antonysamy			
Daniel Jegan Patrick	(Índia) em Poonamallee	11-02-2012	12-02-2012
Arockiasamy John Peter	(Índia) em Poonamallee	11-02-2012	12-02-2012
Arulappan Kanikkai Raj	(Índia) em Poonamallee	11-02-2012	12-02-2012
Alletto Salvatore	(Itália) em Roma Sem. Teol.	21-04-2012	22-04-2012

Alphonse Baktiswalagan	(Itália)	em Roma Sem. Teol.	21-04-2012	22-04-2012
Cortes Rocha Marcos	(Itália)	em Roma Sem. Teol.	21-04-2012	22-04-2012
Espinoza Cruz Jesus	(Itália)	em Roma Sem. Teol.	21-04-2012	22-04-2012
Luwunu François	(Itália)	em Roma Sem. Teol.	21-04-2012	22-04-2012
Putonor Baridi Lawrence	(Itália)	em Roma Sem. Teol.	21-04-2012	22-04-2012
Rayapillai				
Amalorpavanathan	(Itália)	em Roma Sem. Teol.	21-04-2012	22-04-2012
Unegbu Vitus	(Itália)	em Roma Sem. Teol.	21-04-2012	22-04-2012

e) PRESBITERATO

Corvalán Roberto Carlos	(Argentina)	em Santiago del Estero	26/05/2012
Arockiasamy John Peter	(Índia)	em Cuddalore	22/08/2012
Arulappan Kanikkai Raj	(Índia)	em Poonamallee	22/08/2012
Brítez Godoy Antonio	(Paraguay)	em Caaguazù	11/08/2012
Maria Soosai Dominic			
Sebastian Baskar	(Índia)	em Poonamallee	22/08/2012
Alletto Salvatore	(Itália)	em Agrigento	08/12/2012
Okechukwu Anyanwu Leonard	(Nigéria)	em Aguweze	21/12/2012

C) FATOS E ACONTECIMENTOS IMPORTANTES

1. Rumo à Beatificação de Nicoló Rusca

No dia 19 de dezembro o papa Bento XVI autorizara a Congregação para a Causa dos Santos a publicar o decreto relacionado com o martírio do Servo de Deus Nicoló Rusca, sacerdote nascido em Bedano (Cantão Ticino) e morto por ódio à fé em Thusis (Suíça) no dia 4 de setembro de 1618. «As primeiras biografias que esclareceram os contrastes religiosos que levaram ao martírio de Nicoló Rusca foram redigidos por alguns guanellianos e foi o próprio Padre Luís Guanella a incentivar estes estudos» relata Dom Saverio Xeres, docente e historiador diocesano, redator da “Positio super martirio”. «São Luís Guanella e Nicoló Rusca são as duas pessoas mais significativas da caridade da diocese de Como.

Em suas vidas voltaram-se às pessoas mais necessitadas, às pobres e aos problemas sociais de seu tempo, demonstrando sempre fortes laços com as comunidades e seu berço natal».

O solene rito de beatificação ocorrerá em Sôndrio no dia 21 de abril de 2013. Em data de 19 de dezembro p.p. Bento XVI, após receber em audiência o cardeal Ângelo Amato, autorizou a Congregação para a Causa dos Santos – da qual Amato é prefeito – a publicar o decreto relativo ao *martírio do Servo de Deus Nicoló Rusca, Sacerdote diocesano. Nascido em Bedano (Cantão Ticino) em abril de 1563 e assassinado em ódio à Fé na localidade de Thusis (Suíça) no dia 4 de setembro de 1618.*

O anúncio foi dado nesta manhã, 19 de junho, em Sondrio, pelo bispo da diocese de Como, Dom Diego Coletti durante a Santa Missa na festa dos patronos da cidade, santos Protásio e Gervásio. A confirmação da data de 21 de abril que, além do mais, vem a coincidir com os 450 anos de nascimentos do próximo bem-aventurado Rusca, chegou justamente neste últimos dias, proveniente da Secretaria de Estado do Vaticano.

Os santos – afirmou o Bispo Coletti durante a homilia – nos recordam a Glória de Deus e, em particular, reencontramos nos mártires a força do testemunho. Refletir sobre o complexo contexto religioso e político no qual aconteceu a vicissitude humana do Pároco Rusca – acrescentou em seguida – poderá nos auxiliar a entender – de uma parte – a importância de um diálogo sempre mais aprofundado, num clima de verdadeiro ecumenismo, e da outra em descobrir o dom do recíproco perdão.

Mesmo com a mudança dos tempos, o venerável Nicoló Rusca tem muito a nos ensinar. É a reflexão de Marco Zubiani, bispo de Sondrio, que acrescenta: o caminho de preparação e a celebração da beatificação de Rusca – que envolve toda a nossa Igreja diocesana – acontece quase toda ela no Ano da fé. Trata-se de uma valiosa ocasião para colocar no centro de tudo o valor da fé, a ser testemunhada na vida de cada dia, com uma atenção particular à construção de uma comunidade cristã atenta aos problemas do mundo atual e à necessidade de um diálogo inter-confessional e inter-religioso.

À tarde, sempre em Sondrio, reuniu-se novamente o *Comitê para a beatificação de Nicoló Rusca* (constituído pelo bispo Dom Diego Coletti, do Vigário geral Dom Giuliano Zanotta, por Dom Saverio Xeres, por Dom Marcos Zubiani, pelos padres Alfonso Rossi, Citterio, Simone Piani, pelo docente Gianluigi Garbellini e pela doutora Anna Rossi), que dá sequência aos trabalhos de organização e preparação ao rito e de quanto encontra-se em anexo (desde os aspectos práticos e concretos, às publicações, à liturgia, etc.)...

• Nicoló Rusca

Para nos inteirarmos da figura de Nicoló Rusca (1563-1618), além de uma sintética *biografia* há também outros documentos relatando o *martírio*, os *escritos* relacionados com a defesa da fé católica e o relacionamento com os protestantes e as *cartas* através das quais se destaca a sua solicitude pastoral.

Também se faz um relatório quanto às *reliquias conservadas em Sôndrio*.

Uma *bibliografia* atualizada inclui o elenco das fontes, permite o aval das pesquisas histórico-documentárias em base à elaboração da *Positio super martyrio* (Roma 2002), que levou ao reconhecimento do martírio. A ela se faz o devido referimento aos textos aqui citados.

Artigos e breves ensaios para *aprofundar* a vida e o contexto histórico, complementam a apresentação do pároco de Sôndrio.

• **Biografia de Nicoló Rusca**

Nicoló Rusca nasceu em data de 20 de abril em Bedano, nas imediações de Lugano. O território, naquele tempo, encontrava-se sob a jurisdição da diocese de Como. Os pais – Giovanni Antonio, tabelião, e Daria, filha do médico Giangiacoמו Quadrio – tiveram cinco filhos: Nicoló, primogênito, Bartolomeo e Luigi, também eles padres diocesanos, Margherita, monja beneditina no mosteiro de São Lourenço em Sôndrio e Cristoforo que levou em frente a descendência com Giovanni Antonio e Carlo também eles, por sua vez, sacerdotes.

Após os estudos iniciais em Pavia e em Roma, Rusca frequentou por sete anos o Colégio Helvético, fundado por Carlo Borromeo em Milão para a formação dos clérigos oriundos dos Cantões suíços. Foi ordenado sacerdote em 23 de maio de 1587.

Seu primeiro encargo em 1588: cura da paróquia de Sessa, em Agno (atual Cantão Ticino), onde residiu durante dois anos aproximadamente.

Em seguida foi nomeado arcepreste de Sôndrio, território dependente da diocese de Como, mas politicamente dependente das “Tre Leghe Grigie” (em seguida foi chamado: Cantão de Grisões), que tinha ocupado a Valtellina, com Bôrmio e Chiavenna, há quase 80 anos, bem conscientes de sua importância estratégica. Dava a possibilidade, de fato, de coligar-se diretamente aos domínios espanhóis milaneses com aqueles do Tirolo e por consequência com a Áustria, até à Alemanha e aos Países Baixos, de uma parte, e de outra parte, a coligação da República de Veneza, adversário político-militar do Ducado de Milão, com os Suíços e os seus aliados até à França.

Nos trinta anos de permanência a Sôndrio – 8 de julho de 1591 quando tomou posse da paróquia, até 1618 – Nicoló Rusca desenvolveu exemplarmente o ministério: pregação, escola de doutrina cristã, administração dos sacramentos, instituição de Confrarias, em especial aquela do Santíssimo Sacramento, renovação dos lugares sagrados e dos paramentos litúrgicos, piedade unida a uma conduta de vida de grande testemunho, contínuo estudo. A reforma do clero, segundo o que o Concílio de Trento pedia, da qual devia ter origem a mais geral reforma da inteira comunidade cristã – “*salus animarum prima lex est*” (a salvação das almas seja o primeiro empenho) – encontrou nele um modelo sacerdote “renovado”.

O mesmo aconteceu com a sua ação e defesa da doutrina católica mediante escritos e disputas – no mínimo são três entre 1592 e 1597 –, movidos pelo desejo de preservar e reavivar a fé dos habitantes do vale. Também ali estava sendo propagada, graças também aos dominadores dos Grisões, na maioria passados para a Reforma, a pregação dos ministros protestantes, inicialmente exilados da Itália e – sucessivamente – os pastores oriundos dos territórios do Estado. Se de uma parte os documentos atestam a sua firmeza e clareza em relação aos conteúdos doutrinários e o sentido de pertença eclesial, de outra parte emerge também seu sincero respeito para com as pessoas de credo diferente, por vez também a amizade, por exemplo, com o pastor de Sôndrio, Scipione Calandrino, com o qual teve também uma troca de livros, ou com o governador do Cantão de Grisões, que por dois anos lhe foi “familiar”.

No início do Seiscento a situação político-religiosa interna às “Tre Leghe” conduziu o Estado rético a um período de forte desorientação. Como reação ao pacto firmado entre os Grisões e a Espanha, no ano 1617, se produziu o “levantamento das armas” de alguns Municípios filo-vênetos. Tal iniciativa teve também uma clara conotação confessional, individuando indistintamente quais eram os inimigos do Estado, seja aqueles que apoiavam a Espanha, seja alguns católicos mais eminentes. Os rebeldes, localizados nas proximidades de Thusis instauraram um tribunal para os suspeitos de traição. Com isso iniciaram processos à revelia, influenciados por alguns jovens pastores da Reforma de tendência radical, constando como *supervisores* eclesiásticos.

Entre tantos, vítima também o pároco de Sôndrio, que já fora processado duas vezes em 1608 e 1609. Durante a noite entre 24 e 25 de julho de 1618 foi sequestrado por algumas dezenas de homens armados que aportaram a Sôndrio através de Valmalenco conduzidos pelo pastor protestante Marcantonio Alba.

Conduzido aos Grisões, antes a Coira e depois a Thusis, foi processado no dia 1º de setembro, sempre afirmando ser inocente. Torturado veio a óbito no dia 4 de setembro de 1618.

• O martírio de Nicoló Rusca

«Non est in tua potestate sed in Dei dignatione martyrium».

«O martírio não se encontra em teu poder, mas depende da graça de Deus que te dignifica».

Antes de ser um *mérito*, o martírio é um dom particular, salienta no documento *De mortalitate* (17), salienta o bispo de Cartago, São Cipriano. Ele conseguiu fugir da primeira perseguição do imperador Décio no ano 250. Contudo morreu mártir no dia 24 de setembro de 258, durante uma nova perseguição do imperador Valeriano.

Em outra obra literária acrescenta:

O Senhor ordenou de retirar-se e fugir da perseguição e que isso se fizesse Ele o ensinou e mostrou com o exemplo. De fato como a coroa provém da dádiva de Deus (que nos dignifica) e não se pode recebê-la se ainda não chegou a hora de recebê-la, quem, permanecendo em Cristo provisoriamente se retira não renega a fé, mas atende o momento oportuno (De lapsis, 10).

A prisão, o processo e a morte de Nicoló Rusca, em 1618, não foram um episódio isolado, mas a conclusão de uma vida fiel a Cristo em meio às vicissitudes cotidianas, mas sem oposição violenta. Disponível a enfrentar perseguições, mas não voltado a uma busca voluntária do martírio, segundo a tradicional sabedoria da Igreja, que, desde as origens, proíbe de *oferecer-se espontaneamente ao martírio, ou mesmo de provocar o perseguidor* (H. Msztal - *As causas de canonização*, 2005). De fato, em primeiro lugar não se encontra a pessoa, mas a Verdade pela qual a pessoa está pronta a dar testemunho.

Ao término do primeiro processo, como ocorressem novas acusações, o pároco encontrou sossego tão somente por alguns meses, entre o final de 1608 e o início de 1609, longe de Sombrio, acolhido e protegido pelo bispo Archinti. No verão de 1617 agravou-se a situação. Nicoló após transcorrer alguns dias em Bedano, recusou as tentativas de parentes e amigos para ficar com eles e decidiu retornar junto aos seus paroquianos, disposto, até mesmo, a receber o martírio.

• A captura, o processo e a morte

Em unísono com estes acontecimentos, tornava-se sempre mais instável a situação interna dos Três Cantões, que se opuseram ao pacto sancionado entre os Grisões e a Espanha em 1617 e o conflito armado de alguns municípios, amigos do Vêneto. Nas imediações de Thusis estabeleceu um tribunal (*Strafgericht*), que se pôs a julgar e condenar não apenas os inimigos políticos, mas também – sob a influência de pastores jovens da Reforma – alguns católicos eminentes. Nicoló Rusca não foi poupado.

Ao longo da noite de 24 e 25 de julho de 1618 algumas dezenas de homens armados desceram de Sôndrio e atravessaram Valmalenco, chefiados pelo pastor Marcantonio Alba. Chegados, circundaram a casa paroquial e prenderam Padre Nicoló, o irmão Bartolomeu e um funcionário. Após transcorrer a noite no pretório, o irmão e o funcionário foram libertados. Quanto ao pároco, amarrado num burro, foi conduzido, através de Valmalenco e Engadina até Coira. Ali ficou preso. Desta prisão em Coira dispomos de alguns testemunhos diretos recolhidos de dois biógrafos - Iodoco e Stöcklin, entre os quais aquele de uma certa Catarina Adanckin, admirada com a atitude ascética com a qual o sacerdote vivia aprisionado.

No entanto deram-se os primeiros passos para defender o pároco, por primeiro a sua fiel comunidade. Dois dias após o sequestro, no dia 27 de julho o bispo de Como – Filippo Archinti, rapidamente informado – entrou em contato com o arcebispo Borromeo e o Núncio na Suíça, Lodovico Sarego. Ao último, em particular solicitou que interviesse junto aos Cantões católicos para que pressionassem os Grisões aliados em defesa do *pobre pároco de Sôndrio*, o que ele fez com grande solicitude.

Fracassada a tentativa diplomática, Nicoló Rusca foi transferido a Thusis, sede do tribunal. No aguardo do início do julgamento, Nicoló foi de novo aprisionado em cárcere improvisado.

O processo teve início no dia primeiro de setembro. A pluralidade das fontes não simplificava as causas da imputação:

- alguns insistiam em apresentar as causas dos processos de 1608-1609, ou seja de haver participado do atentado contra o ministro protestante de Sôndrio, Scipione Calandrino, e ter admoestado um jovem por ter participado da homilia da Reforma, agravado pela acusação de ter corrompido os juízes para ser absolvido;

- em segundo lugar, ele se teria *rebelado* às leis do Estado, opondo-se à construção do colégio de Sôndrio, impedindo, em geral, a pregação dos pastores protestantes e, fortalecido pelo apoio de seus paroquianos, teria conseguido evitar qualquer intervenção dos magistrados;

- a acusação mais genérica era aquela de ter mantido relacionamentos particulares com os *inimigos* espanhóis em sua viagem a Milão e por ocasião da construção do forte de Fuentes;

- uma série de episódios relacionados com a violação da liberdade religiosa como a proteção às obstetras católicas de assistir ao parto das mulheres heréticas, bem como a admoestação a uma mulher católica de servir-se de nutrientes heréticos. Teria induzido um marido de abandonar a religião evangélica, a pátria e a mulher e ainda de afastar um padrinho católico, enquanto herético. Outro desprezo à religião da reforma fora a indicação de orações públicas pela *haeresum extirpatione*. Além disso a acusação de que, junto à canônica de Sôndrio, os coirmãos do Santíssimo Sacramento, convocados por Rusca, teriam armazenado armas para a eliminação violenta dos adeptos da Reforma.

Nicoló Rusca se defendeu de todas as acusações, com base no que foi reportado em algumas cópias do processo, para evitar a tortura e ser condenado à prisão. E como previsto, não havendo nenhuma confissão, o pároco sofreu tortura por dois dias consecutivos, segunda-feira (dia 3) e terça-feira (dia 4).

Particularmente violento e insistente foi o comportamento dos pastores protestantes, presentes no tribunal. Houve muitos insultos acompanhando a o erguimento dos braços amarrados com uma corda. Tudo sem jamais cessar.

Mas Nicoló não cedeu e ficou firme em afirmar a sua inocência. Pouco depois, assim suspenso pela tortura, faleceu.

Estes fatos aconteceram ao entardecer do dia 4 de setembro de 1618¹.

- **Do Livro “Beatificationis seu Declarationis Martyrii Servi Dei Nicolai Rusca”**

Padre Guanella

O primeiro e maior defensor para a abertura da Causa de Beatificação do Pároco de Sôndrio – no decorrer do século XX – foi Padre Luís Guanella, proclamado bem-aventurado em 1964. Desde os anos de Seminário ele mostrava grande interesse pela figura de Rusca: nas Memórias auto-biográficas – como bem sabemos – Padre Guanella gostava de convidá-lo juntamente com Padre Della Cagnotta de tomarem o rumo de Campodolcino, sua aldeia natal, até Thusis *para saudar o lugar do martírio do Padre Rusca*, Este interesse nascera na juventude *quando ouvia o irmão Padre Lorenzo falar da causa de Beatificação do Padre Cagnoletta*.

No início do Novecentos começou a se empenhar diretamente pela Causa de beatificação. Além do contato pessoal com Roma e os bispos de Coira, Lugano e Como, deu o próprio contributo favorecendo um conhecimento sempre mais intenso de Padre Rusca. Em vista deste objetivo encarregou dois sacerdotes de compilar a biografia e publicou numerosos artigos no periódico de sua Obra, *La Divina Provvidenza*.

No que diz respeito às biografias, a primeira foi aquela que Padre Guanella solicitou a um sacerdote de sua Congregação, Padre Giovanni Formentelli. Pelo que consta, o texto teria surgido em 1909 com o pseudônimo Reto Cenomano. Em 1913, ao invés, publicou-se a obra em parceria com o sobrinho de Padre Guanella, Padre Pietro Buzzetti. Ambos os textos – com base na orientação do Bispo Arturo Benedetti, advogado da *Sacra Rota* – servir para recolher provas relacionadas com o martírio de Rusca; *e além disso porque se difunde sempre mais o conhecimento do padre da Valtellina*. Quanto ao mérito, Guanella não deixa passar a ocasião em branco para distribuir as duas biografias.

Dom Aurélio Bacciarini

O interesse ininterrupto de Guanella em relação a Nicoló Rusca foi por ele transmitido ao próprio sucessor na direção da Obra por ele fundada, Auré-

¹ 2012 - Comitato para a beatificação de Nicoló Rusca para a “Diocese de Como”.

lio Bacciarini. Na sequência ele foi administrador apostólico do Ticino (1917-1935) e sua Causa de Beatificação também está em andamento. Bacciarini – que também nisto demonstra ser ardoroso seguidor de Guanella – solicitou a um sacerdote da própria diocese – Davide Sesti – de compilar uma biografia do Padre Rusca por ocasião do terceiro centenário de sua morte.

No prefácio de “*Uma glória do Ticino, o venerável Nicoló Rusca*”, Davide Sesti, recorda com estas palavras a origem daquela biografia:

Na primeira metade de julho p.p. sua excelência Dom Aurélio Bacciarini, bispo administrador apostólico do Canton Ticino me aconselhou de redigir uma biografia – breve e popular – do venerável Nicoló Russa e de compilá-la até o dia 4 do próximo mês de setembro para que ficasse pronta até o dia 4 de setembro, dia em que transcorre o terceiro centenário de sua preciosa morte. Riva San Vitale (Suíça), 3 de agosto de 1918.

Transcorridos alguns dias – em data de 30 de agosto – o administrador apostólico do Ticino enviou uma carta agradecendo *por ter presenteado o povo do Ticino com a linda e popular biografia do venerável Nicoló Rusca, mártir da fé.*

Além de promover esta biografia em comemoração do terceiro centenário da morte de Rusca, Dom Bacciarini esteve em Sessa em data de 1º de outubro – onde Nicoló fora pároco – e no dia 30 de março dirigiu-se a Bedano, berço nativo de Rusca. Assim, em ambas as localidades, houve a possibilidade de exaltar a figura daquele que foi *um digno pastor, um santo, um apóstolo, um mártir da fé. Além disso salientou o imenso amor de seu coração por Nicoló Rusca, unido àquele de Padre Luís Guanella. Relatou ter ouvido afirmar que se a heresia protestante não invadira aquele vale isso se devia, em grande parte, ao pároco de Sôndrio.*

Padre Leonardo Mazzucchi

Destaca-se, além do mais, o depoimento de Leonardo Mazzucchi, superior da Congregação dos Servos da Caridade, fundada pelo Padre Luís Guanella, de grande envergadura para destacar a estima que ele sempre demonstrou em relação a Nicoló Russa. Esse testemunho intensifica à fama do martírio do pároco de Sôndrio.

Desde a infância Padre Luís Guanella manifestou grande estima pelo Padre Rusca como se fosse um santo mártir. Essa estima se manifestou desde quando ele era clérigo em Fraciscio, dirigindo-se em peregrinação a Thusis ao local do martírio e repetiu esta peregrinação em 1897 quando iniciou suas obras em Splügen e Andeer que colocou sob a proteção de Rusca. Esta veneração Padre Luís a adquiriu – antes de tudo – através da leitura dos documentos e histórias direcionadas à Valetellina e Val Chiavenna. Luís era por demais

estudioso. Outro aspecto que favoreceu a sua veneração foi a leitura de documentos e histórias em seus frequentes colóquios com o sacerdote Giuseppe Della Cagnoletta, natural de Sôndrio. Antes de ser nomeado pároco de Sôndrio, foi pároco de Campdolcino por anos seguidos e outros tantos como pároco em Chiavenna. Com certeza não restam dúvidas que estes seus conhecimentos e este interesse pelo Rusca foram valiosos para o conhecimento dos frequentes colóquios entre o sacerdote Della Cagnoletta e seu irmão maior, sacerdote Lorenzo Guanella, pároco de Roncaglia de Civo, por primeiro, e depois de Ardenno. Padre Guanella participou deste colóquio.

Os dois veneráveis sacerdotes – Della Cagnoletta e Lorenzo Guanella – falavam com tanto interesse pela Causa do Rusca e com tanto desejo da glorificação do servo de Deus que Padre Luís Guanella – depois que seu irmão falecera em 1906 – considerou sendo um dever e um tributo de afeto ao irmão interessar-se positivamente pela causa do Rusca. Foi isso que ele comônicou ao padre Claudio Benedetti, consultor da Sagrada Congregação dos ritos e interessou-se que se fizesse um estudo da vida do Rusca e dos caminhos a serem percorridos para introduzir a Causa do advogado Arturo Benedetti, sobrinho do supra citado Cláudio Benedetti.

[...] Além disso, Padre Luís Guanella encarregou dois sacerdotes da sua congregação, residentes em Val Bregaglia e Valle do Reno. Determinou que recolhessem documentos e neles relatassem a vida de Rusca, com o pseudônimo *Reto Cenomano*. Em tudo isso ele procurou envolver pessoalmente os bispos das três dioceses: Como, Coira e Lugano. Em Como Dom Alfonso Archi encarregou o sacerdote Giovanni Baserga de investigar arquivos para recolher documentos, inclusive do exterior.

Em Coira Dom Giorgio Schmitt ficou muito feliz por se promover a Causa do Rusca, mas não diretamente em Coira para não suscitar dissabores e turbar a paz confessional.

Em Lugano, Dom Peri Morosini mostrou-se entusiasta em assumir a presidência da introdução da Causa do venerável Rusca.

A partir destes passos dados pela Causa Rusca, Dom Peri Morosini apresentou um relatório ao Papa Pio X numa audiência ocorrida em data de 29 de janeiro de 1910.

A partir deste seu interesse pela Causa Rusca e dos passos já dados, falava seguidamente conosco como se reservasse também a nós esta incumbência, caso viesse a falecer.

Foi o que aconteceu graças a Dom Aurélio Bacciarini, seu sucessor, pelo fato de ser o superior geral dos Servos da Caridade. Deste modo, além de bispo de Lugano, assumiu de vez a Causa Rusca com grande constância. Deste modo – quando da ocorrência do centenário de Rusca –, empenhou-se para que se publicasse uma vida popular do mesmo, ou seja aquela do Bispo Davide

Sesti. Além disso presidiu celebrações solenes em Bedano, pátria do venerável, e em Sessa, onde Rusca fora pároco. Em Bedano a celebração ocorreu na casa nativa do venerável. Depois disso, em cada circunstância que se apresentava, solicitava e insistia que se pedisse o início da Causa, mostrando o desejo de poder enviá-la pessoalmente, em condições de arcar com as despesas. Não o fez em consideração à diocese de Como.

2. Um pouco da história das origens

Como podeis ver neste número, todos os anos o Charitas recolhe a história oficial do ano que passou, com estatísticas e Decretos que assinalam o desenvolvimento da nossa Congregação. Também nos Capítulos gerais o Superior geral apresenta aos Capitulares o Relatório do sessênio transcorrido. O último relatório nós o obtivemos na recente publicação dos Documentos Capitulares do nosso último Capítulo.

Nós sabemos que para entender em profundidade a nossa história será sempre necessário ter, como ponto de referência, nossas origens.

No Volume nº 17 dos textos históricos Filhas de Santa Maria da Providência e Servos da Caridade – por ocasião da morte do fundador, foi publicado o relatório da nossa Congregação que o Superior geral de então – Padre Aurelio Bacciarini – encaminhou à Santa Sé um ano antes da morte do Fundador.

É sempre bonito retornar àqueles tempos... neste Relatório podemos apreciar:

- o amor dos nossos primeiros coirmãos pelo Fundador;*
- a consciência de termos sido suscitados pelo Espírito e sempre amparados pela Providência de Deus;*
- o sentido eclesial e amor ao Papa, para imitar aquele do Fundador;*
- o forte desejo da aprovação pontifícia para a nossa Congregação.*

Parece, de fato, que este Relatório tenha sido preparado justamente para preparar e favorecer a aprovação canônica da Congregação.

É significativo o fato que à Santa Sé não se comunique a Profissão emitida pelo Fundador e pelos nossos primeiros coirmãos em março de 1908. Disto se pode deduzir que a primeira Profissão tenha sido não um ato público, mas um simples ato privado e interno da Congregação, pelo fato que os coirmãos ainda estavam encardinados nas respectivas Dioceses.

Seja como for, sirva de estímulo este lindo quadro oficial da nossa querida Congregação para renovar o nosso espírito de pertença, tão evidenciado nos primeiros coirmãos.

• **Relatório do Instituto dos Servos da Caridade fundado pelo Padre Luís Guanella**

À Sagrada Congregação dos Religiosos - Roma

As origens

O modesto Instituto, aqui citado, tem 30 anos de existência. Teve início em Como em 1886. O instrumento do qual Deus se serviu para dar-lhe vida, foi o sac. Luís Guanella, nascido em Campodolcino (Como) em 1842. Após uma infância e uma juventude ilibada, após bons estudos nos seminários de Como, onde se distinguiu por edificantes virtudes, foi ordenado sacerdote em 1866.

O seu Bispo o enviou-o a Savogno, na condição de Pároco. Ali fixou residência por oito anos e onde deu as primeiras heróicas provas de sua atividade e, sobretudo aquela da caridade que, mais tarde o tornou pai dos órfãos e consolador dos míseros. Admirador de João Bosco e do Cottolengo, impelido pelos mesmos ardores de caridade, esteve em contínuo relacionamento com estes dois grandes atletas do bem e favoreceu – na medida do possível – as suas obras. Em 1875 – com a permissão de seu Bispo – foi a Turim, junto a don Bosco, não para agregar-se ao Servo de Deus, mas para amadurecer – na escola de tão exímio mestre – a vocação que palpitava em seu coração. Três anos após retornava à diocese onde – e precisamente em Traona – fazia uma primeira tentativa de fundação construindo um colégio. Mas teve que fechá-lo devido às adversidades de então. Em 1881 foi nomeado ecônomo espiritual de Pianello Lário, onde encontra o terreno preparado para fundar o Instituto das Filhas de S. Maria da Providência, com o objetivo de internar e assistir as filhas mais necessitadas do povo; Instituto que teve rápido e surpreendente desenvolvimento. O seu grande coração, todavia, ainda não estava satisfeito: os infortunados, os órfãos, os deficientes, os coxos, os idosos sem amparo, àqueles nos quais menos se pensa e mais dificilmente se provê, dão início a um piedoso tormento em seu íntimo: e assim pensou em fundar um Instituto que tivesse, como objetivo, aliviar tão grandes misérias.

E foi em 1886 que abriu em Como o primeiro asilo masculino denominado *Casa da Providência*, auxiliado por alguns sacerdotes, por alguns jovens postulantes que se tinham unido a ele para exercer aquela grande caridade: humildes primícias de uma obra que surgia no silêncio, na humildade, na pobreza, nas privações, no desprezo quase universal. A Providência manifestava a sua proteção elegendo os *infirmi mundi* em vista de seus prodígios.

A este Instituto, como aquele das Filhas de S. Maria da Providência, Padre Guanella dedicou a sua vida: uma vida repleta de boas obras, transbordante de atividades, repleta de sacrifício e de imolação; vida santa que cessava em Como no dia 24 de outubro de 1915 na casa mãe dos Servos da Caridade, aos quais o homem de Deus deixara o seu testamento: *Pregare e patire*.

O nome

Padre Guanella tinha nos lábios uma palavra que era o suspiro da sua alma. Ele dizia: *Oh venha qual incêndio santo o fogo da divina Caridade! Envie o Senhor o Espírito de sua divina Caridade e o mundo se renovará!* Ele em seu entusiasmo pelo bem dos infortunados, para a salvação das almas, almejava e suspirava por fileiras de pessoas generosa que o ajudassem no campo da caridade e numa instituição que ele dizia ser providencial em nossos tempos. Estes cooperadores, sacerdotes e leigos deu-lhes o nome de *Servos da Caridade*. O nome simples, qual expressão viva do espírito de Padre Guanella se conserva até hoje e foi reconhecido pela Sagrada Congregação dos Religiosos na revisão da Constituição.

O objetivo

O objetivo do Instituto é sóbria e claramente exposto no capítulo I da Constituição: *O fim primário* é a santificação dos próprios membros mediante o exercício dos votos simples de pobreza, castidade e obediência e mediante a observância da Constituição. *O fim secundário* é o exercício da caridade cristã em acolher e assistir – no espiritual e no temporal – os pobres mais necessitados de uma tal assistência, colocando-os em casas separadas ou locais separados, caso sejam crianças ou idosos.

Do objetivo secundário não se exclui a vida apostólica, exercida dentro dos limites do possível: o Sumo Pontífice Pio X sancionou também esta extensão do escopo secundário do Instituto, confiando aos Servos da Caridade uma paróquia em Roma.

Em conformidade com o objetivo secundário, os Servos da Caridade, atualmente, além do seminário e noviciado, dispõem de nove casas de asilo em diversas dioceses, contando com 1500 abrigados e possuem duas paróquias. Uma dela é a paróquia-missão em Valle Bregaglia nos Grisões (Suíça), atendendo *seis municípios*; a outra é aquela de São José (Porta Trionfale) em Roma, contando com *20.000 almas*, aproximadamente.

O desenvolvimento sucessivo

Em 1886 o sacerdote Luís Guanella, impulsionado pela mão visível da Providência, abria em Como o primeiro asilo masculino, *Casa Divina Provi-*

dência. É a casa-mãe dos Servos da Caridade. Encontra-se situada em vasta área de 15 mil metros quadrados com diversas casas e pátios espaçosos, capaz de acolher 400 pessoas. No centro ergue-se o santuário do Sagrado Coração de Jesus, a cuja proteção Padre Guanella confiou suas obras.

Em 1898, com base no encorajamento de S. Em^a o cardeal Arcebispo de Milão, Padre Guiné enviou os seus Servos da Caridade à grande metrópole da Lombardia, onde iniciaram uma obra caritativa com o oratório festivo e pós-escola cotidiano, cognominado *São Miguel*. Transcorridos quatro anos – mais precisamente em 1902 –, o modesto oratório se transformava num grande Instituto para órfãos, portadores de deficiência e idosos. À Obra deram o nome *S. Gaetano*, o santo da Providência, sem a qual torna-se inexplicável o passo dado por Padre Guanella.

No mesmo ano, em 1898 a amável mão do Senhor oferecia à caridade de Padre Guanella um novo campo em Roveredo, na diocese de Coira, na vizinha Suíça. Naquele vasto local situava-se o antigo Colégio S. Ana que – devido a diversas circunstâncias – não podia dar continuidade às suas atividades.

O Bispo de Coira – que não se conformava com o cessar das atividades daquele importante Instituto de Educação –, convidou Padre Guanella a assumir, seja o espaço como a direção deste Estabelecimento de Ensino. O homem de Deus aceitou a proposta. O Colégio refloresceu e, atualmente, além das ampliações, também construiu, em anexo, um pensionato.

Em 1900 Padre Guanella iniciou uma obra de tamanha audácia que tão somente a sua férrea tenacidade – fortalecida pela caridade do Senhor – podia enfrentar. Com a colaboração de seus primeiros cooperadores – sacerdotes e leigos –, decidiu fundar uma colônia agrícola, com asilo para os pobres portadores de deficiência na planície de *Olonio São Salvador*, nas proximidades de Cóllico junto ao lago de Como. O terreno era arenoso e afetado pela malária. Por isso mesmo era abandonado por todos. Padre Guanella esboçou um plano para o saneamento, o que ocorreu em breve tempo. Ao todo 500 hectares (*per-tiche*) milaneses. Vendo isso as autoridades civis – do município local ao Ministério da Agricultura –, aplaudira o gênio cristão e social de Padre Guanella. Sim, naquele local onde reinava a morte surge – em meio a uma encantadora vegetação – um vilarejo com igreja, asilo, casas coloniais, água potável e cemitério. Em tudo mérito da obra de Padre Guanella. Que ele seja abençoado pelos séculos sem fim. E ainda construiu um grande asilo para idosos, pobres e aleijados.

Ainda no 1900 uma ajuda de Mons. Giovanni Battista Baroni dava a Pe. Guanella a possibilidade de abrir uma sua Obra a Fratta Polêsine, diocese de Rovigo. Depois de ter aberta uma Casa-abrigo para meninas órfãs e mulheres idosas, aos cuidados das FSMP: alguns anos depois abriu um Pensionato para sacerdotes enfermos, aos cuidados dos SdC, e em seguida abriu uma grande Casa para idosos, pobres e abandonados.

Um ano após, em 1901, Padre Guanella iniciou uma obra valiosa. Humanamente falando, ninguém podia imaginar que isso acontecesse. Não muito distante de seu vale nativo abre-se o vale Bregaglia, entre as montanhas dos Grisões, em terra suíça. Aquele lindo e desventurado vale abriu alas ao protestantismo quando da Reforma, iniciada pelo apóstata Vergério. A partir de então não se conseguira implantar nem sequer um pequeno altar. E tinham sido em vão os esforços dos Bispos de Coira. Muitos católicos italianos emigram em busca de trabalho e se encontram sem assistência religiosa, correndo risco pela sua fé e pela sua salvação. Padre Guanella – sofrendo por uma situação tão triste, desafiando indizíveis dificuldades – adquiriu um terreno no lugarejo central do vale, em Vicosoprano, e ali construiu um igreja dedicada a São Gaudêncio, primeiro apóstolo do vale. E ainda não satisfeito com este verdadeiro triunfo, Padre Guanella construiu nova igreja no vale, desta vez em Promontogno, para facilitar a vivência dos católicos italianos, numerosos naquele vale. Esta obra é denominada missão católica de Val Bregaglia que, mais tarde se tornou paróquia, ereta pelo bispo de Coira e os Servos de Caridade. E ali eles realizam uma verdadeira obra de salvação, assistindo os católicos italianos esparsos em seis municípios do mesmo vale.

Em 1904 – por providencial combinação – Padre Guanella adquiria – no Monte Mário, em Roma –, uma área de 300.000 metros quadrados. E ali fundou uma colônia agrícola com um asilo para idosos, dedicado a *São José*.

Em 1907 iniciava outra obra similar em *Trenno Milanese*, onde existe atualmente uma florescente colônia agrícola com um asilo espaçoso para idosos e portadores de deficiência, cognominada *Casa San Luigi*.

Em 1908 Dom Bianconi, bispo de Ferentino, convidava Padre Guanella para assumir a direção do abrigo Maciotti, na cidade de Ferentino, que se encontrava em condições difíceis. O homem de Deus aceitou e enviou os seus sacerdotes, que atualmente o administram. E anexaram um asilo de idosos, de deficientes e atendem a igreja de Santa Ágata.

Em 1909 falecia – *em Gatteo di Romagna* (Cesena) –, o pároco Pe. Ghinelli. Era um santo sacerdote que fundara um instituto para crianças pobres. Padre Guanella recolheu aquela herança e agora o instituto foi ampliado, ficando sob a direção dos Servos da Caridade.

Em 1910, em suas viagens a Roma, Padre Guanella observou que na periferia do bairro Trionfale havia muita pobreza e as pessoas ficavam muito distantes da pequena igreja paroquial (a antiga igreja do S. Rosário). Ao deparar-se com esta realidade – após inteirar-se do parecer de Pio X – abriu naquele local uma igreja provisória com uma creche e oratório festivo, na expectativa que a Providência lhe desse os meios para construir uma igreja bem maior. E a nova igreja foi construída com grandes sacrifícios de Padre Guanella e com a valiosa colaboração do Sumo Pontífice Pio X. Ele estimava muitíssimo o homem de Deus. Trata-se da igreja do *Trânsito de São José*, elevada à igreja

paroquial em data de 30 de junho de 1912. Esta foi a última fundação dos Servos da Caridade feita por Padre Guanella. O saudoso Fundador veio a óbito no dia 24 de outubro de 1915.

No mês sucessivo S. E. Dom Marelli, bispo de Bérgamo – de acordo com as autoridades do Município – convidava os Servos da Caridade para abrir na mesma cidade um asilo para idosos e portadores de deficiência. Os Servos da Caridade aceitaram, mas tão somente após a autorização da Congregação dos Religiosos. Todavia, ao longos das tramitações, manifestou-se o risco que a escolhida seria utilizada para atender as exigências do comando militar e a construção ficou momentaneamente suspensa.

Em contrapartida houve um visível dom da divina Providência em prol dos órfãos de Padre Guanella com a possibilidade de adquirir um prédio adequado em *Fara Novarese*. Um prédio por sinal bem adequado para implantar uma escola e também para construir ali o noviciado, uma grande necessidade dos Servos da Caridade.

Com o alegre consentimento do Bispo diocesano já residem naquele local os aspirantes clérigos do Instituto e no fim deste ano, com a prévia autorização da Congregação dos Religiosos, se abrirá ali o Noviciado.

Destas rápidas citações se deduz que, em poucos anos, o Instituto dos Servos da Caridade se difundiu em oito dioceses para aliviar as misérias humanas. São elas: Como, Coira, Milão, Roma, Ferentino, Cesena, Rovigo, Novara.

Nos asilos, onde se acolhem órfãos não deficientes, encontram-se escolas elementares, escolas de arte e ofício para que – através do asilo – seja possível oferecer-lhes instrução em vista de uma profissão.

Nota-se, no mais e com satisfação, que, em geral, entre os acolhidos há bons hábitos, piedade suficiente e – muitas vezes –, edificante. Manifestação de fé entre os internos é sobretudo a frequência eucarística, particularmente dos adolescentes. São centenas os que recebem a comunhão diária.

Além disso observa-se que entre os pobres idosos – que vem fechar os olhos em nossos asilos – que em tantos anos não se teve um caso sequer de alguém que não tivesse uma boa morte. Sem dúvida é graça de São José ao qual Padre Guanella quis dedicar a *Pia União dos Agonizantes*, elevada a União primária junto à nossa igreja se São José, na Porta Trionfale em Roma e que já conta com mais de 600.000 inscritos.

Os religiosos

A família dos Servos da Caridade se compõe, atualmente, de 142 pessoas assim divididas:

– *O espírito de sacrifício.* Quem visita um de nossos asilos, onde se acolhem os mais profundos infortúnios do povo, e vê o sacerdote ou o irmão leigo que – da manhã à tarde – vive com as pessoas mais infelizes e deformadas, ou se dedica à assistência nas oficinas, não há como deixar de reconhecer neles um espírito não comum de sacrifício. Este espírito de abnegação, de compaixão, de paciência, é certamente, como se manifestava o nosso Fundador, um válido subsídio para a integridade do *modus vivendi* sacerdotal e religioso.

– *O espírito de afeição ao Papa.* Ninguém ignora o sopro do modernismo ou semi-modernismo que se difundiu, ultimamente, entre o clero secular e regular, passando por cima até mesmo de santas ideias e sobretudo prejudicando aquela divina harmonia que deve existir entre o pensamento do Papa e o pensamento dos sacerdotes. Que bom! Entre os pobres Servos da Caridade – por máxima Caridade – não penetrou nem mesmo o mínimo hálito deste nauseabundo espírito. Todos concordam com o Papa e nem mesmo um sequer que tenha ideias diversas. O nosso saudoso Fundador nos deixou, em herança, uma afeição “granítica” ao Papa e isso queremos conservar para gloriar-nos na vida e na morte e jamais aconteça que o modernismo crie raízes no meio de nós.

B. *Em particular*

– *O estabelecimento de ensino.* É através do estudo que se observam, se formam e se consolidam as melhores vocações do Instituto. Por isso ao estudo se dedica especial atenção. Infelizmente até a morte do Fundador não havia um adequado estabelecimento de ensino. Os estudantes eram acolhidos, na maioria, numa repartição da casa de Como, ou mesmo esparsos nas diversas casas e a eles se transmitia o ensinamento no melhor modo possível de como as circunstâncias o permitiam. Do céu o saudoso Fundador providenciou para conseguirmos a superada casa de estudos: a casa de São Jerônimo, em Fara Novarese que inauguramos recentemente. Assim transferimos para lá todo o nosso ginásio. Assim, no recolhimento e na uniformidade do método, os clérigos terão uma formação e instrução mais adequada.

– *O Noviciado.* Desde a época de fundação do Instituto sempre existiu o noviciado, mas a seu modo. Os noviços residiam em diversas casas e após tê-los avaliado suficientemente na piedade e nos serviços de caridade, eram admitidos aos votos. Isso porque jamais foi possível ter uma casa de noviciado e também pela insuficiência de membros devido à urgência em atender os pobres. Por isso os noviços eram preparados para também colaborarem na atividade caritativa nas diversas casas. Era uma urgência. Mas todos estavam convictos que isso podia ser tolerado no início. E assim, uma vez atingida a normalidade o Instituto deveria ter o seu noviciado dentro da normalidade para conseguir pessoas devidamente preparadas com a mesma disciplina e a vida em comum. Eis, então, que se consegue suprir a esta necessidade na ampla

Casa de *Fara Novarese*, Ali, junto com a Escola constrói-se o noviciado segundo as cláusulas canônicas encaminhando o pedido à Santa Sé para o seu funcionamento.

– *Da separação entre os Servos da Caridade e as Filhas de S. Maria da Providência.* Conhecemos as normas emanadas pela S. Congregação a respeito e as repetidas insistências feitas em épocas diversas ao nosso venerado Fundador, para a separação ser real e total. E afirmamos com satisfação:

1) Que de alguns anos para cá a separação justamente desejada, é perfeitamente observada. Econômica e disciplinarmente os dois Institutos são independentes. Os Servos da Caridade não dirigem nem se envolvem naquilo que diz respeito às Irmãs. *Pro forma* – e apenas nominalmente – consta o nome de alguma Irmã. Mas já está sendo providenciado para que haja uma substituição e nenhum nome das Filhas conste nos arquivos dos Servos da Caridade.

2) Que as Irmãs prestam serviço caritativo nos asilos dos Servos da Caridade para coordenar as cozinhas, as dispensas e os roupeiros, da mesma maneira como se usa nos seminários e em outros Institutos similares. Contudo observam-se todas as normas de separação desejadas pela disciplina religiosa. Quem visita as nossas Casas pode constatar a veracidade do que afirmamos.

Quanto a esta realidade relata-se um fato exemplar. O nosso Fundador abriu em *Ardenno Masino*, na Valtellina, um asilo para portadores de deficiência entregue – entende-se –, aos Servos da Caridade. As Irmãs desde o início prestavam seus serviços. Quando chegaram as diretrizes de Roma – para a configuração do prédio – não havia como efetuar a separação. O que então se fez: Padre Guanella simplesmente fechou o asilo e transportou todos os abrigados à colônia agrícola *San Salvatore*, nas proximidades de Cóllico. Não foi um pequeno sacrifício. Não restam dúvidas quanto a isso. Eis uma comprovação de que ele realmente priorizava a separação entre as duas Congregações: os Servos da Caridade e as Filhas de Santa Maria da Providência.

– *Eis mais algumas exigências da S. Congregação.* Através de uma carta protocolada, em data de 16 de agosto de 1912 e com outra em data de 4 de maio de 1914, a S. Congregação colocou outros aspectos importantes a serem observados, tais como: o andamento material do Instituto, assim como o cuidado com as dívidas do próprio Instituto, a prudência em assumir novos compromissos, o cumprimento regular das reuniões do Conselho diretivo, etc.

Também aqui foram levadas em consideração tais exigências com diretrizes de sistematização, abandonando, por enquanto, toda ideia de expansão da Obra e também com a efetivação das reuniões de Conselho, como pode tomar ciência o próprio Visitador apostólico, Dom Balconi. Consta, igualmente o fato que o Instituto – a partir de então – não assumiu novos compromissos considerados onerosos.

– *O Cardeal Protetor*. S.S. Bento XV – logo após assumir o pontificado – destinou aos Servos da Caridade um Protetor na pessoa de S.E. o cardeal Filipe Giustini. Tal designação contribuiu muitíssimo para o bem do Instituto. Enquanto isso, S. Eminência proporcionava valiosos conselhos, que procuramos sempre acatar por serem oportunos e valiosos.

– *O governo do Instituto após a morte do Fundador*. Com base na proposta do Em.mo Cardeal protetor – após a morte do Fundador, com o decreto de novembro de 1915 –, delega o sacerdote Aurélio Bacciarini como vigário do próprio Instituto.

O mencionado sacerdote, envolvido com a grave responsabilidade, que lhe fora confiada, – fez todo o possível para coordenar as atividades do Instituto após a morte irreparável do Fundador. Mas ele pode testemunhar, perante Deus, que após esta morte, jamais lamentada suficientemente, suas forças não diminuíram; pelo contrário, intensificaram-se sempre mais. Tudo, com certeza, pela intercessão do Fundador, intensificou-se a disciplina entre os Servos da Caridade.

Nota-se que o delegado da Santa Sé, mesmo dispondo de amplo poder no governo do Instituto, sempre consultou os melhores e mais experimentados personagens do próprio Instituto.

A economia

A. Meios de subsistência

Os meios com os quais o Instituto se mantém são aqueles mesmos que mantiveram os passos do falecido Fundador e Pai ao longo do cansativo caminho das fundações. Isto é:

1) Uma modesta e diversificada mensalidade que os abrigados pagam – direta ou indiretamente – através dos órgãos municipais ou outras entidades.

2) As côngruas das Santas Missas e as ofertas pelo ministério dos sacerdotes.

3) Os pagamentos que modestamente se conseguem pelos trabalhos realizados nas diversas casas.

4) Os pios consórcios ou comitatos de pessoas benfeitoras, residindo nas grandes cidades como Milão, Roma, Como, etc., que dão um bom contributo de quotas anuais ou de ofertas extraordinárias.

5) O periódico mensal *La Divina Provvidenza*, órgão do Instituto publicado a 25 anos. Ele recolhe contínuas e numerosas ofertas.

6) As contribuições obtidas quando das frequentes participações nos funerais dos órfãos, atendendo o convite dos parentes do falecido.

7) As contribuições extraordinárias de somas elevadas (de 10 a 20 mil, de 50 mil libras e mais ainda), que, de vez em quando, a Providência não deixou de enviar por meio de caridosos ricos.

Nota. A elaboração, particular e detalhada, que segue a estas observações gerais quanto à economia do Instituto, prova que o mesmo goza de uma florida situação material bem confortadora, a tal ponto que não só se conseguir fazer frente às necessidades da obra vasta e complexa, mas também se conseguiu economizar alguma ajuda em vista das urgências imprevistas.

B. *Plano econômico*

Primeiramente algumas observações:

- 1) O saudoso Fundador provê à sua sucessão com regular testamento.
- 2) Todas as tramitações relativas a esta sucessão foram devidamente debitadas, inclusive com as exigências do fisco.
- 3) Após a morte do Fundador continuou por parte das pessoas o mesmo apreço e continuou a mesma beneficência. Melhor ainda – com certeza pelas preces do homem de Deus – a beneficência aumentou, não obstante os tempos difíceis em que vivemos.
- 4) Como resulta do balanço, o Instituto encontra-se em condições econômicas suficientemente boas: mesmo se – por motivo da guerra – a dificuldade econômica se percebe como sendo mais grave. Contudo o andamento é regular.
- 5) Neste exato momento se pensa em concentrar esforços em consolidar as finanças do Instituto. renunciando *por hora*, a qualquer expansão que seja onerosa ao próprio Instituto.

Quanto aos débitos do Instituto observa-se que não devem e não podem ser motivo de preocupação excessiva: basta dizer que tão somente a venda da propriedade de Monte Mário, já loteado pelo engenheiro Leonori é suficiente para satisfazer e honrar todos os nossos débitos hipotecários que temos em diversas Casas.

Observa-se que tal venda, em lotes, já iniciada, foi interrompida, seja por causa da guerra, seja pela liquidação da sucessão na morte do Fundador: mas vale a pena recordar que, quanto antes, se poderá continuar regularmente.

A *invocada aprovação*

1. *Os passos feitos até aqui*

O nosso venerado Fundador – desde os primeiros anos do Instituto, em meio às indizíveis amarguras esparsas em seu caminho –, pode contar com preciosas consolações de encorajamento e de louvor – primeiramente da parte dos Excelentíssimos Bispos e Eminentíssimos Cardeais – como, por exemplo,

dos falecidos cardeais Riboldi, Ferrata, Respinghi e também do cardeal Ferrari de Milão, ainda vivo, do Cardeal Maffi, do Bispo Valfré di Bonzo – que já foi Bispo de Como – e ainda dos Bispos de Coira, de Adria, de Rovigo; todavia, acima de todos emerge, na proteção e na benevolência em relação ao Instituto, Dom Arachi. Ele fez quanto pode fazer um Bispo para favorecer o nascente Instituto e após a morte do Fundador, a sua bondade dava mostras de intensificar-se em prol dos órfãos, assistidos pelo Padre Guanella.

A estas manifestações dos Bispos seguiram-se os votos de encorajamento dos Papas; e desde 1890 o S. Pontífice Leão XIII abençoava Padre Guanella e suas Obras. Pio X, em seguida não só abençoou e encorajou Padre Guanella, mas não colocou limites a favores prestados ao pobre Instituto dos Servos da Caridade. Animado e apoiado por tais manifestações de encorajamento, Padre Guanella em 1906 apresentou, pela primeira vez, à S. Congregação dos Religiosos, a Constituição dos Servos da Caridade para que fosse analisada para quem de direito, sem mesmo esperar a aprovação. A Sagrada Congregação fez a revisão, destacou e estabeleceu o objetivo do Instituto, fez as oportunas correções e modificações para dar-lhe uma sistematização definitiva e a enviou de volta, com benévolo parecer pelo bem que se realizava no Instituto para que fosse observada.

Transcorridos alguns anos, mais precisamente em 1911, a Sagrada Congregação, para seguir mais de perto o Instituto dos Servos da Caridade, nomeava um Visitador na pessoa de Dom Francesco Balconi, da Catedral de Milão que, de imediato, começou a visitar as diversas Casas do Instituto. Foi logo após o resultado bastante satisfatório destas visitas que Padre Guanella pensou ter chegado o tempo de solicitar a tão desejada aprovação. Por isso apresentou uma minuciosa relação do Instituto dos Servos da Caridade, acompanhado pelo pedido da aprovação temporária. A Sagrada Congregação achou por bem não conceder a solicitada aprovação, mas sim o *decretum laudis*. Foi em agosto de 1912.

Quanto à aprovação, a Sagrada Congregação respondeu: «*Dilata, et ad mentem*»: e a mente da S. Congregação era que se mantivesse o encargo do Visitador, recomendando-lhe de zelar pelo aspecto material do Instituto e de conduzi-lo à perfeita observância da separação do Instituto das Filhas de Santa Maria da Providência.

As primorosas recomendações da S. Sé foram – com base em nosso critério – fielmente cumpridas, de como consta no relatório do estado disciplinar e econômico do Instituto. Uma prova, no mais, encontra-se no fato que, em novembro de 1915, a S. Congregação dava por encerrado o encargo do Visitador.

2. As razões desta solicitação

- a) O estado suficientemente bom do Instituto, moral e economicamente.
- b) Bastante significativa a atuação dos religiosos, como consta no § 5 deste relatório.

c) A acolhida prestada, como se disse aprovou, às particulares interferências de Roma.

d) A aprovação possibilitará um melhor apreço da Regra pela consciência de cada membro do Instituto e, assim, contribuirá a uma perfeição sempre mais acentuada dos membros do mesmo Instituto.

e) A aprovação dará maior crédito ao Instituto e as vocações serão bem mais numerosas, inclusive de sacerdotes. Deste modo as Casas terão uma equipe com mais pessoas e assim se poderá corresponder às múltiplas solicitações dos Bispos, que convidam a modesta Obra dos Servos da Caridade em suas dioceses, como aconteceu, por exemplo, da parte dos Bispos de Taranto, de Bérghamo, de Oppido Mamertino, etc.

f) Particularmente se chama a atenção da S. Congregação quanto ao fato que – não sendo o Instituto aprovado – todos os Servos da Caridade encontram-se ainda “encardinados” nas diversas Dioceses, às quais pertencem, correndo-se o risco que os Bispos exijam o retorno destes sacerdotes com prejuízo incalculável para o Instituto. A única via para evitar o risco – que se intensifica sempre mais – é a aprovação.

3. *As esperanças*

Espera-se, portanto, que a tão suspirada aprovação seja concedida pela bondade da Santa Igreja em prol de um Instituto que – especialmente no decorrer da guerra atual, prepara-se para erguer, com o auxílio do Senhor –, numerosas misérias humanas. Alimentemos esta esperança confiantes nas orações do nosso Fundador ao qual, aqui na terra, não obteve este supremo conforto.

Não somos numerosos, menos ainda por virtude, porque reconhecemos nossa fraqueza, que nos leva a repetir em cada passo: *Somos Servos inúteis*. Todavia, confiando em Deus, no Papa que o representa, na Sagrada Congregação, que nos conduziu até aqui, qual mãe vigilante, ousamos dizer que esperamos esta suprema decisão. Mesmo se ela for *temporária*, será para nós como a palavra de conforto dita por Jesus aos Apóstolos: *Não temais pequenos rebanho...* Será para nós como dizia o Venerável don Bosco, *o vínculo de ouro que une os membros ao Instituto, o Instituto ao Papa e através do Papa a Deus*.

Como, ... 1916

Sac. AURÉLIO BACCIARINI
Sup. dos Servos da Caridade

3. Anotações a respeito de recordações de Padre Luís Guanella

(Transcrição de Padre Cesare Perego de um manuscrito no arquivo guanelliano de Como).

O texto é da autoria do Padre Giovanni Tam, amigo de Padre Guanella, natural da Valtellina e pároco de Traona. Em 1925 tornou-se promotor – juntamente com outros sacerdotes, também da Valtellina – da causa de beatificação do Pároco de Traona, Sac. Nicoló Rusca, retomando a intenção de Padre Guanella.

Na primavera de 1872 encontrou-se, pela primeira vez, com Padre Luís: estava acompanhado de meus parentes num campo junto à trilha pedregosa que conduz a Savogno. E os meus familiares disseram: *Eis que passa Padre Luís de Savogno... e passa apressado o jovem sacerdote.*

Naqueles anos passava-se o outono e o inverno em Malaguardia, nas imediações de S. Cassiano. Ali se participava da Missa festiva e aquele pároco – Padre Andrea – nos dera o primeiro opúsculo de Padre Luís: *Ammonimenti al popolo, etc.*, que líamos ao anoitecer e, em Villa, dávamos o texto para que outras pessoas pudessem lê-lo. Em seguida, após a morte de Guanella Padre Luigi, Padre Mazzucchi pediu com insistência que lhe enviasse uma cópia, pois não havia mais nenhuma à disposição. Respondendo a Padre Mazzucchi pedi que procurasse o texto na Tipografia Salesiana em Turim onde fora impresso. Mas não mais constava, nem mesmo nos catálogos salesianos.

Quando eu era seminarista me defrontei muitas vezes com pessoas de Savogno que criticavam Padre Luís porque enviara diversas jovens para serem religiosas e fazê-las morrer de tédio.

Certo dia o meu pároco, Padre Trussoni, me confidenciou: *Estive em Pianello e fiz de tudo para que Padre Luís desistisse da utopia de se tornar um outro D. Bosco; mas não há o que fazer para que entenda. É um anjo, um outro São Luís, mas é fixo em sua ideia.*

Padre Giuseppe Romani, Pároco de Caspano me dizia: *Para Caspano estava em terna comigo também Padre Luís Guanella [a bem da verdade Padre Guanella não foi colocado na terna] e nos comícios populares fui vencedor com um voto de diferença.*

Quando concorri [para Menarola] Padre Luís – apenas me viu – foi logo me convidando para ser seu hóspede. E ao entardecer daquela dia me fez atender as confissões e dizer duas palavras às poucas irmãs e assistidas.

O docente Gobbi, futuro pároco de Morbegno, encontrando-se comigo no barco em Pianello, me dizia: *Padre Guanella é digno de compaixão ao publicar estes opúsculos. Deveriam proibi-lo por denegrir a nossa classe.*

Em Savogno Padre Luís mirava uma casa em Mese com a intenção de adquiri-la. Mas, não dispondo de meios por mais vezes bateu à porta do rico senhor Cav. Dolzino, em Chiavenna, mas era repellido com modos hostis segundo os dizeres de Giuseppe Sucetti, de Prosto.

Quando me encontrava em Menarola [1888-1895] numa reunião de padres conveniados – entre eles o Docente Padre Eugênio Geromini – censuravam Padre Luís. Segundo eles era um exaltado querendo tornar-se um outro D. Bosco enquanto que em Como – a motivo de suas iniciativas – está coberto de dívidas, etc.

Duas jovens, órfãs de Menarola (irmãs Pedeferri) conseguiram emprego: uma em Sommarovina, como doméstica e babá, a outra em Vedescia na taverna Tavasci, anexa aos quartéis da Finança... um verdadeiro antro. Não demorou muito e Padre Luís a adquiriu. Apenas o soube, procurei tirá-la e ao retornar à localidade me disse: *Pense, agora, em colocar-me num lugar bem melhor*. Voltei-me para o Padre Luís que me pediu para alugá-la. Depois lhe foi alugada também aquela de Sommarovina, uma vez acolhidas as jovens que depois foram empregadas como domésticas. Transcorrido um certo tempo, Padre Luís me confidenciou que a mais idosa encontrava-se trabalhando na nobre Família Somigliana em Casanova, nas proximidades de Uggiate. Transcorridos alguns anos, eis Padre Luís *sorrindo* para mim como que protestando porque as duas jovens recomendadas se lamentavam porque queriam tornar-se irmãs e não enviadas a serem empregadas. Comigo era bem diferente o acordo. Respondi que as enviara como duas órfãs a serem internadas. Se depois disso quisessem ser irmãs que se entendessem com elas. Interessante: as duas se tornaram Irmãs, uma em Roveredo, a outra não sei.

E quanto às irmãs De Giambattista? Caracterizavam-se por grande piedade e espírito de sacrifício. Ao falecerem os pais ambas foram acolhidas em Como pelo Padre Luís Guanella, mas nunca conseguiram liberar-se das tramitações da herança, devido ao único irmão que instigado pelo Secretário municipal, de espírito liberal, queria que partissem tão somente com seus pertences usuais. Transcorrido um bom tempo Padre Luís pergunta: *Vem ou não vem?* E ao tomar conhecimento do motivo por não poderem ir se pôs a sorrir e disse: *Venham e tragam aquele pouco que tendes; para o restante pensaremos depois*. E as duas irmãs – sem dizer nada ao irmão e levando ao pé da letra o que possuíam –, rumaram a Como com aquilo que conseguiam carregar e levar. Ao se inteirar do fato Padre Luís foi ao seu encontro. Estavam em frente à Binda com as suas vacas. Em seguida, Padre Luís mandou liquidar a sua herança junto ao Engenheiro G. B. Zaboglio. Este, por sua vez, abocanhou mais do que pudesse e levou para casa tudo aquilo que podia carregar.

Quanto às suas vicissitudes no tempo que morou em Traona, já o relatei com documentos.

Seguidamente vinha a Traona e se hospedava na minha casa. E dali ru-mava ao convento dos R. Padres. Retornando da Terra Santa foi falar do púl-pito, numa tarde da Quaresma, relatando a sua viagem.

Na manhã de S. Roque em 19... festa votiva do lugarejo Padre Luís chega à minha casa [*em Traona*] com três Padres franceses do Sagrado Coração de Betharam e com o célebre Prof. Sichirollo. Foi o primeiro ingresso daqueles padres no Convento. Após a acolhida, pedi-lhes que o P. Superior cantasse a Missa no altar de S. Roque e Padre Luís os apresentasse do púlpito ao povo. E foi muito feliz. Em meio a tantas colocações eu me recordo que ele falou de como S. Roque da Itália passou para a França para beneficiar o próximo, onde encerrou seus dias. Deste modo os reverendos padres vinham da França para beneficiar as nossas aldeias, curando, de modo especial, os doentes espirituais.

Após a celebração Padre Luís queria que todos se dirigissem ao convento para tomar café, mostrando-me um pacote com carne cozida, um pouco de sal e os espetos. Mas eu já estava preparando um almoço em minha casa. Conser-vo ainda os espetos como recordação. E no mais muita alegria... No convento para onde nos dirigimos após o café, já havia leitos preparados. O proprietário era o bispo de Ponte Gusmeroli. E como os reverendos Padres demorassem a chegar Padre Luís partilhou aquele entardecer; e o Docente Sichirollo, alojado na minha casa, repartiu o seu quarto no dia seguinte, abraçando-me e beijan-do-me na estação quando da partida.

Com aqueles bons Padres, no decorrer de sua permanência, sempre se co-municava e vinha seguidamente visitá-los. Um dia encontrando-me no almoço com eles e com Padre Luís, sentado ao meu lado lhe disse: *Oh que desolação em sua Casa de Ardenno! Oh, como nos impressionam aqueles pobres defi-cientes! Que heroísmo naquelas irmãs!* E ele respondeu: *O que dizes?* Aqueles são os meus mais queridos amigos, as almas mais queridas a Jesus; sou total-mente feliz quando me encontro com eles.

O casal Paravicini, em Traona, estava para iniciar a fundação de uma Cre-che Infantil e, em seu nome me dirigi a Padre Luís que veio com o Eng. Sar-tirana. Vistas as dependências e uma oferta de 40.000 liras apresentou a dispo-nibilidade das suas Irmãs. Todavia, o casal Paravicini, sem me interpelar, fez com que viessem as Irmãs do Cottolengo. Impaciente, me comuniquéi com Padre Luís deplorando o ocorrido e pedindo-lhe desculpas pelas despesas e pe-la afronta. Mas ele me respondeu que também as Irmãs do Cottolengo fariam um grande bem. E almejou-lhes muito êxito na missão... Impressionante! É ne-cessária uma virtude excepcional para responder deste modo!

Seu irmão, Padre Lorenzo, veio a óbito em Como entre seus braços e de-terminou que levassem o caixão a Ardenno. Transcorrido um certo tempo, ele me dizia ao encontrá-lo na estação de Ardenno: *Que gente ingrata, refratária e sem coração! Tive que pagar todas as despesas do transporte e do funeral; e mandei colocar a sua lápide por minha conta; esperemos que alguém pense*

em recitar ao menos algum Requiem! Esta é a recompensa pelo grande bem que lhe fiz por tantos anos. E também pelas Casas que ele adquiriu para mim, o Município jamais nos quis fornecer água potável do lugarejo; pelo contrário, não vêm com bons olhos aquelas pessoas internadas. Lamentando-se por ter levado ao lugarejo algo tão desprezível.

E quando os Reverendos Padres, após 7 anos foram novamente convocados para irem a Roma, oh! quanto eu fiz para retê-los! Promovi uma sub-inscrição no lugarejo entre os párocos da redondeza, recorri ao Santo Padre por intermédio do bispo Caccia Dominioni e como os Padres diziam que não havia como desenvolver-se em Traona por insuficiência de dependências foi comigo um dos Padres até Ponte para insistir junto a Dom Gusmerroli para que comprasse a propriedade com os anexos... Convém salientar que ele próprio teve que fugir de Traona devidos aos desgostos e perseguição das autoridades.

O meu livro: *Santos e Bem-aventurados da Valtellina* foi sugerido por ele como disse no prefácio.

Certo dia, conversando com o Docente Trussoni, futuro Arcebispo de Cosenza, no tocante aos novos Santos ele chegou a dizer: *Nenhuma maravilha se vemos sobre os altares também o nosso Padre Luis. Por acaso não é um santo?*

Ao encontrar-me com Padre Luis – eu, Padre Lucchinetti e Padre Benjamim –, o amigo Lucchinetti insistia para que Padre Luís aceitasse a sua Instituição incorporando-a às suas Obras. *Não, respondeu Padre Luis! Siga em frente você mesmo. Eu estarei ao seu lado e te ajudarei naquilo que posso e quando não poderás mais seguir em frente, faremos a incorporação.* Mas, então, porque ao falecer Padre Primo a sua Obra passou para outras mãos? Existe um por quê que não convém ser relatado por escrito.

Eu e outros participamos dos XV Congresso Católico em Milão, hóspedes de Padre Luís em Santo Ambrogio ad Nemus. A entardecer de um certo dia, enquanto jantávamos, falava-se do que tínhamos ouvido e dos temas abordados ao longo da jornada. De repente Padre Luís tomou a palavra e disse: *Coisas bonitas, palestras magníficas, valentes oradores; mas o pior de tudo é que certas cabeças na Ação Católica não frequentam a Missa e não cumprem nem mesmo o preceito pascal.* Ficamos boquiabertos! Infelizmente era verdade, pois naquele tempo a Ação Católica se fundamentava na política, no oportunismo, na conquista do poder e não mais sobre a conduta pessoal dos nossos guias.

Após a eleição de Pio X – Padre Luís comemorava um jubileu – ele me dizia: *Muito bem! Que canonistas? Que cientistas? A sociedade precisa de um padre, de um pastor, de um homem de coração gigantesco e a Providência pensou nisso.*

Havia lamentações em relação à Cúria e falando a respeito de Vedescia (Nova Olônio) ele me dizia: *Promovi a bonificação daquele mal cheiroso pantanal, construí a igreja, iniciei uma nova paróquia e a Cúria não só deixou de me ajudar, mas quase se compadeceu e me chantageou.*

Para a inauguração do novo altar e da igreja em Vicosoprano quis que celebrassem os sacerdotes de Villa: o ex pároco Padre Trussoni pregou o tríduo, ele abençoou a igreja e o altar e celebrou a Santa Missa da manhã. A Missa solene quem a cantou foi Padre Trussoni com os ministros Padre César Maraffio e Padre Benjamim. Eu fiz a homilia. As Vésperas foram presididas pelo pároco Padre Damiani.

No dia seguinte todos em Villa para o retorno às suas respectivas Paróquias. A uma certa altura, Padre Luís disse: *Quem deseja ir comigo a Savogno? Eu vou pela última vez. Eu vou, respondi e vou com prazer para encontrar o Pároco Padre Balatti que foi o meu clérigo e afilhado em Menarola.* E partimos para Savogno. Ao longo do caminho, entre tantas coisas, eu lhe disse: *Padre Luís, todos admiram as suas instituições, como aquelas do Cottolengo, de Dom Bosco, do Padre Casoria e de outros mais. Contudo deve-se ter presente que eles não teriam feito nada se não houvesse uma boa motivação das pessoas, inclinadas à beneficência. Por isso o mérito deve ser dividido.* Padre Guanella respondeu: *certo, certo, nós somos apenas instrumentos, o mérito maior é dos benfeitores. Eu não consigo tolerar aqueles que vêm tudo escuro, hostis ao bem e à Igreja dizendo até mesmo que não houve tempos piores do que os nossos. Mas não é bem assim. Há também hoje um grande bem e maior do que se crê. O amor ao próximo é muito elevado. Eu, pessoalmente, aprecio e aceito a caridade, independente de onde vem, inclusive dos maçons e dos protestantes: charitas operit multitudinem peccatorum.*

Chegando em Savogno foi logo ao encontro dos mais idosos e dos doentes. Em seguida deu algumas voltas no cemitério recitando o *Miserere* e o *De Profundis*. Depois tocou o sino para chamar as pessoas a rezarem o terço que ele mesmo recitou. Em seguida dirigiu-se ao povo lembrou o tempo passado com eles e falou especialmente da sua irmã Catarina da qual iniciara a causa da beatificação, recomendando de dirigir-se a ela para obter alguma graça e assim entrar em contato com ele para dizer da graça obtida. Sei muito bem que Padre Luís insistia junto a Dom Gianera para que assumisse a incumbência de promotor desta causa. E Dom Gianera lhe respondia quase em tom de brincadeira: *Estimado Luís eu sou oriundo do mesmo vale e muito amigo, o que vem a significar que seria um dos mais interessados se assumisse a causa, vindo a prejudicar a causa de beatificação da sua irmã.* No dia seguinte descemos juntos a Chiavenna, e fomos juntos falar com o Delegado municipal para solicitar a permissão de realizar um evento beneficente em Chiavenna que já tinha sido negado uma vez.

No início da Obra em Vedescia seguidamente me convidava para as reuniões e as festas locais. Para a inauguração da Igreja promovi na aldeia a oferta de boa quantidade de vinho e acrescentei uma novo crucifixo para as procissões – ainda hoje usada. Eu a consegui da firma Albasini. Padre Luís, em sinal de reconhecimento me enviava um pacote de opúsculos *O mês de maio com Nossa Senhora de Lourdes* a ser distribuído ao povo.

Quando se conseguiu o grupo artístico *Nossa Senhora do Trabalho* Padre Luís me escreveu expondo a idéia de colocar aos pés de Nossa Senhora um agricultor e um operário, encarregando-me de mandar as roupas antigamente usadas em Traona. Consegui encontrá-las. Depois que o Nardini conseguiu fazer uma cópia foram novamente enviadas a mim.

Para a festa do meu 25º aniversário de Sacerdócio não podendo intervir porque retornara dos Estados Unidos cansado e com a saúde abalada enviou-me a cruz *pro Ecclesia et Pontifice* a pedido dos padres amigos.

E no ano seguinte (1914) quis que eu pregasse em Ardenno o Retiro às suas jovens irmãs.

Tendo adoecido gravemente eu e Padre Benjamim fomos encontrá-lo. Disse-me de solicitar ao idoso pároco de Dubino, Padre Sertorelli, de renunciar a tudo e concluir seus dias com ele. E ao Padre Benjamim Giacomini disse: *Vai ter com o Pároco de Talamona e diga-lhe de iniciar imediatamente a construção da sua igreja, mas que seja grande, linda, sem se preocupar com a despesa porque a Providência o ajudará.*

Retornamos depois a Como para o seu funeral e na noite anterior vimos como foi embalsamado.

No dia do funeral, na Catedral, ao meu lado havia um senhor alto e idoso e um sacerdote de Bérgamo que me sussurrou ao ouvido: *Conhece aquele Senhor? - Não. - É o conde Medolago Albani que através da palavra e dos escritos é um grande defensor dos agricultores. Mas quando ele está com seus dependentes é bem o contrário.* Verdadeiro ou não, me lembrei daquilo que em Milão me dissera Padre Luís: que a grande chaga na Ação Católica encontra-se nos dirigentes que agem em contraste com a sua conduta privada: hoje não é mais assim.

Para o restante encaminho a homilia fúnebre em homenagem a Padre Luís, inserida nas demais homilias dos diversos funerais celebrados em sua memória.

Uggiate, 14 de julho de 1940

D. GIOVANNI TAM

DECRETOS

1. DECRETO DE PASSAGEM DE RESIDÊNCIA PARA CASA RELIGIOSA

Prot. n. 329/11-12

Comunidade
“La posada del Buen Samaritano”
Rúa de la Iglesia 2
ARCA-O PINO (La Coruña - Spagna)

OGGETTO: *Erezione a Casa religiosa, Nomina del superiore di Comunità, del 1° consigliere e riconferma dell'economista.*

Il Superiore generale, nella seduta di Consiglio tra il 19-20 novembre 2012, avendo letta la vostra richiesta, a tenore del CIC 115, 2 e delle C 138 e avendo avuto il voto deliberativo dei suoi consiglieri

erige

a Casa religiosa, la Comunità de **“La Posada del Buen Samaritano - Casa de acogida vocacional”** sita in Arca-O Pino (La Coruña-Spagna).

Oltre alla suddetta erezione della Casa come tale, il Superiore generale procede anche alla nomina di:

- Don Fabio Pallotta, come *superiore di Comunità*
- P. Teodoro García García, come *1° consigliere*
- Don Ezio Canzi, riconfermato *economista*

Resta ferma la dipendenza diretta dell'erigenda Casa dal Superiore generale.

Assicuriamo un particolare ricordo al Signore a ciascuno dei confratelli perché possano dare buona testimonianza della carità di Cristo in terra galiziana come comunità nucleo animatore per la gloria di Dio e per il bene di tutti quelli che gli si avvicinano.

P. ALFONSO CRIPPA
Superiore generale

P. Gustavo De Bonis
Segretario generale

Roma, 22 novembre 2012

2. DECRETO DE EREÇÃO DE NOVAS COMUNIDADES

Prot. n. 294/09-12

Rev. Superiore provinciale
Don Nino Minetti
Provincia Romana San Giuseppe
ROMA

OGGETTO: *Erezione di una Comunità religiosa nella Casa Matteo Torriani in Roma-Bufalotta.*

Il Superiore generale, avendo ricevuto richiesta formale da parte del vostro Consiglio provinciale, confermata con lettera a firma del Segretario provinciale, don Alessandro Allegra, datata 20 settembre 2012, avendo avuto il voto deliberativo del suo Consiglio, su proposta del Superiore provinciale don Nino Minetti **delibera di erigere una Comunità religiosa che avrà luogo nella Casa Matteo Torriani in Roma-Bufalotta.**

Nell'erigere la suddetta Comunità il Consiglio generale si auspica che i confratelli che vi faranno parte possano veramente testimoniare la *vita communis* e così edificare tutti quelli che prendono contatto con loro.

Nella promessa di ricordarvi vivamente al Signore vi salutiamo *in Domino*

P. ALFONSO CRIPPA
Superiore generale

P. Gustavo De Bonis
Segretario generale

Roma, 24 settembre 2012

3. NOMEAÇÕES

- **Prot. n. 275 del 22 maggio 2012**

- Fr. Charlton Viray, padre maestro a Quezon City

- **Prot. n. 283 del 31 maggio 2012**

- P. Jude Anamelechi, padre maestro nel noviziato di Nnebukwu
- P. François Mpunga, superiore e rettore del Seminario teologico di Kinshasa

- **Prot. n. 309 del 29 settembre 2012**

- Don Nino Minetti, Superiore provinciale (riconfermato) - Provincia Romana San Giuseppe
- Don Fabio Lorenzetti, 1° consigliere e Vicario provinciale (riconfermato) - Provincia Romana San Giuseppe
- Don Matteo Rinaldi, 2° consigliere provinciale (riconfermato) - Provincia Romana San Giuseppe
- Don Aldo Mosca, 3° consigliere provinciale (riconfermato) - Provincia Romana San Giuseppe
- Don Alessandro Allegra, 4° consigliere provinciale (riconfermato) - Provincia Romana San Giuseppe

- **Prot. n. 310 del 29 settembre 2012**
 - Don Gabriele Cantaluppi, vice-rettore del Seminario Mons. Bacciarini a Roma

- **Prot. n. 324 del 26 ottobre 2012**
 - Don Marco Grega, Superiore provinciale - Provincia Sacro Cuore
 - Don Domenico Scibetta, 1° consigliere e Vicario provinciale - Provincia Sacro Cuore
 - Don Angelo Gottardi, 2° consigliere provinciale - Provincia Sacro Cuore
 - Don Cesare Perego, 3° consigliere provinciale - Provincia Sacro Cuore
 - Don Remigio Oprandi, 4° consigliere provinciale - Provincia Sacro Cuore

- **Prot. n. 325 del 30 ottobre 2012**
 - P. Enrico Colafemina, Superiore provinciale (riconfermato) - Provincia N.S. di Guadalupe
 - P. Alfonso Martínez Herguedas, 1° consigliere e Vicario provinciale - Provincia N.S. di Guadalupe
 - P. Leoncio García de la Cruz, 2° consigliere provinciale - Provincia N.S. di Guadalupe
 - P. Andrés García Velasco, 3° consigliere provinciale - Provincia N.S. di Guadalupe

- **Prot. n. 326 del 30 ottobre 2012**
 - Fr. Soosai Rathinam Anthonisamy, Superiore provinciale - Provincia Divine Providence
 - Fr. Charlton Viray, 1° consigliere e Vicario provinciale - Provincia Divine Providence
 - Fr. Visuwasam, 2° consigliere provinciale - Provincia Divine Providence
 - Fr. Dennis Weber, 3° consigliere provinciale - Provincia Divine Providence
 - Fr. Kulaindaisamy, 4° consigliere provinciale - Provincia Divine Providence

- **Prot. n. 327 del 30 ottobre 2012**
 - Pe. Mauro Vogt, Superiore provinciale - Provincia Santa Cruz
 - Pe. Valdemar Alves Pereira, 1° consigliere e Vicario provinciale - Provincia Santa Cruz

- Ir. Arílson Bordignon, 2° consigliere provinciale - Provincia Santa Cruz
 - Pe. Alcides José Vergütz, 3° consigliere provinciale - Provincia Santa Cruz
 - Pe. Adelmo Luiz Maldaner, 4° consigliere provinciale - Provincia Santa Cruz
- **Prot. n. 328 del 30 ottobre 2012**
 - P. Carlos D. Blanchoud, Superiore provinciale - Provincia Cruz del Sur
 - P. Eladio Adorno Orihuela, 1° consigliere e Vicario provinciale - Provincia Cruz del Sur
 - P. Cristian P. Sepúlveda Rodríguez, 2° consigliere provinciale - Provincia Cruz del Sur
 - P. César A. Leiva, 3° consigliere provinciale - Provincia Cruz del Sur
 - P. Jorge A. Domínguez, 4° consigliere provinciale - Provincia Cruz del Sur
- **Prot. 330 del 22 novembre 2012**
 - P. Carlos A. Vargas Staper, superiore e rettore del Seminario Teologico di Bogotá
 - P. José de Jesús Fariña Osorio, 1° consigliere e vice-rettore del Seminario Teologico di Bogotá
- **Prot. 331 del 22 novembre 2012**
 - Don Remigio Oprandi, segretario provinciale - Provincia Sacro Cuore
 - Don Nando Giudici, economo provinciale (riconfermato) - Provincia Sacro Cuore
- **Prot. n. 332 del 22 novembre 2012**
 - Fr. Dennis Weber, segretario provinciale - Provincia Divine Providence
 - Fr. Joseph Rinaldo, economo provinciale - Provincia Divine Providence
- **Prot. n. 333 del 22 novembre 2012**
 - Ir. Arilson Bordignon, segretario provinciale - Provincia Santa Cruz
 - Pe. Edenilson De Costa, economo provinciale (riconfermato) - Provincia Santa Cruz

- **Prot. n. 334 del 22 novembre 2012**
 - P. Andrés García Velasco, segretario provinciale - Provincia N.S. di Guadalupe
 - P. José A. Villegas Vallejo, economo provinciale (riconfermato) - Provincia N.S. di Guadalupe

- **Prot. n. 335 del 22 novembre 2012**
 - P. César A. Leiva, segretario provinciale - Provincia Cruz del Sur
 - P. Nelson Jerez Silva, economo provinciale - Provincia Cruz del Sur

- **Prot. n. 338 del 22 novembre 2012**
 - Don Ciro Attanasio, direttore e rappresentante legale Ed. Nuove Frontiere

4. AUTORIZAÇÃO PARA NOMEAÇÕES

- **Prot. n. 249 del 16 febbraio 2012**
 - Fr. Visuwasam, aiuto ai due Consiglieri provinciali dell'India

- **Prot. n. 276 del 22 maggio 2012**
 - Fr. A. Kulandai Samy, superiore della Comunità di Vatluru

- **Prot. n. 281 del 31 maggio 2012**
 - Fr. Silvio De Nard, parroco della Parrocchia Sacro Cuore

- **Prot. n. 292 del 7 luglio 2012**
 - P. Fernando de la Torre, superiore e parroco della Parrocchia di S. Joaquín

- **Prot. n. 295 del 24 settembre 2012**

- Don Pino Venerito, superiore della Comunità Casa San Giuseppe
- Don Giacomo Panaro, superiore (ancora per un anno) della Comunità di Naro
- Don Renato Ratti, superiore della Comunità di Roma-Bufoalotta

- **Prot. n. 336 del 22 novembre 2012**

- Don Remigio Oprandi, superiore “*ad interim*” della Comunità Casa di Gino di Lora-Como

- **Prot. n. 337 del 22 novembre 2012**

- Don Marco Grega, superiore “*ad interim*” della Comunità di Genova

- **Prot. n. 339 del 22 novembre 2012**

- Pe. Deoclesio Danielli, superiore della Comunità di Anchieta

- **Prot. n. 391 del 12 dicembre 2012**

- P. Bruno Tremolada, superiore della Comunità di Amozoc (rinnovo per tre anni)
- P. Alfonso Martínez Herguedas, superiore della Comunità di Chapas
- P. José Angel Villegas Vallejo, superiore della Comunità di Città del Messico
- P. Leoncio García de la Cruz, superiore della Comunità di Bucaramanga
- P. Andrés García Velazco, superiore della Comunità di Palencia
- P. Cosmo Pedagna Stefanelli, parroco della Parrocchia Corpus Christi
- P. Arturo Cano, parroco della Parrocchia Inmaculada Concepción de María
- P. Leoncio García de la Cruz, parroco della Parrocchia Santa Lucía

- **Prot. n. 392 del 12 dicembre 2012**

- Fr. Joseph Rinaldi, superiore della Comunità di Chelsea

5. CAMBIO DE PROVÍNCIA

- **Prot. n. 278 del 24 maggio 2012**

- Fr. K. Maria Paul, dalla Provincia Divine Providence alla Provincia Romana San Giuseppe

6. SAÍDAS-AUSÊNCIAS

DEIXARAM DEFINITIVAMENTE A CONGREGAÇÃO

- Ismael Torales Pacheco (*Clérigo Temporâneo - Província Cruz do Sul*) no dia 7 de fevereiro de 2012
- Diogo Soares Caldeira (*Clérigo Temporâneo - Província Santa Cruz*) no dia 3 de março de 2012
- Armando Paulino Gutiérrez (*Sacerdote - Província N.S. de Guadalupe*) no dia 28 de abril de 2012. Incardinado na Arquidiocese do México (México)
- Sérgio Gavilán Martínez (*Clérigo Temporâneo - Província Cruz do Sul*) no dia 25 de maio de 2012
- César Estiller (*Clérigo Temporâneo - Província Divina Providência*) no dia 25 de maio de 2012
- Kummari Sudhakar (*Clérigo Temporâneo - Província Divina Providência*) no dia 25 de maio de 2012
- Selvarayer Xavier (*Clérigo Temporâneo - Província Divina Providência*) no dia 25 de maio de 2012
- Vidhya Sagar Battu (*Novizio - Província Divina Providência*) no dia 25 de maio de 2012
- Anthonydoss Arivalagan (*Clérigo Temporâneo - Província Divina Providência*) no dia 26 de maio de 2012
- Michael Okewu Peter (*Clérigo Temporâneo - Delegação N.S. da Esperança*) no dia 31 de maio de 2012
- Franco Martínez Javier (*Clérigo Temporâneo - Província Cruz do Sul*) no dia 31 de maio de 2012
- Antony Joseph (*Sacerdote - Província Divina Providência*) no dia 9 de junho de 2012
- Rivera Luis Gerónimo (*Clérigo Temporâneo - Província Cruz do Sul*) no dia 15 de junho de 2012

- Diakiese Guy (*Clérigo Temporâneo - Delegação N.S. da Esperança*) no dia 28 de junho de 2012
- Bampembe Ndomba Alex (*Clérigo Temporâneo - Delegação N.S. da Esperança*) no dia 30 de junho de 2012
- Kulonga Kapay Toussaint (*Clérigo Temporâneo - Delegação N.S. da Esperança*) no dia 30 de junho de 2012
- Borges Vanio (*Irmão Perpétuo - Província Santa Cruz*) no dia 24 de outubro de 2012
- Maria Manickam Thanasekar (*Sacerdote - Província Divina Providência*) desde 21 de novembro de 2012 incardinado na Diocese de Tuticorin
- Yohan Jonnalagadda (*Clérigo Temporâneo - Província Divina Providência*) no dia 17 de dezembro de 2012

AUSENTES

- Manganiello Pe. Aniello (*Sacerdote - Província Romana São José*) no dia 24 de março de 2012 por três anos
- Fuentes González Pe. Angel Gabriel (*Sacerdote - Província Cruz do Sul*) no dia 31 de maio de 2012 por três anos
- Julián Pe. Hugo (*Sacerdote - Província Cruz do Sul*) no dia 23 de junho de 2012 por três anos em vista da incardinação na Diocese de Rio Cuarto (República Argentina)
- Mora Gelvez Pe. Pablo Emilio (*Sacerdote - Província N.S. de Guadalupe*) no dia 18 de fevereiro de 2012 por três anos
- Sánchez Sánchez Pe. Benjamin (*Sacerdote - Província N.S. de Guadalupe*) no dia 30 de agosto de 2012 por um ano
- Gallo Ir. Vincenzo (*Irmão - Província Sagrado Coração*) no dia 1 de outubro de 2012 por um ano

COIRMÃOS DEFUNTOS

1. Pe. Mario Latini
2. Pe. Antonio Nastro
3. Pe. Vittorio Mosca
4. Pe. Loreto Domenico Della Morte
5. Pe. Luigi Lazzaro Frangi
6. Ir. Battista Nervi
7. Pe. Mario Gambuti

1. Pe. Mario Latini

Nascido em Valmontone (Roma), no dia 10 de dezembro de 1935
Ingresso em Anzano del Parco, no dia 1º de setembro de 1953
Noviciado em Barza d'Ispra,
a partir do dia 12 de setembro de 1954
Primeira Profissão em Barza d'Ispra,
no dia 12 de setembro de 1956
Profissão Perpétua em Barza d'Ispra,
no dia 24 de setembro de 1962
Sacerdote em Valmontone, no dia 28 de junho de 1964
Falecido em Ferentino, no dia 15 de janeiro de 2012
Sepultado no cemitério de Valmontone



A Palavra de Deus que a Liturgia oferece para meditarmos neste dia nos acompanhe em colher uma mensagem de esperança nesta nossa experiência de dor.

O sábado foi feito para o homem e o homem para o sábado! Por isso o Filho do homem é senhor também do sábado.

Para entender a força revolucionária desta Palavra de Jesus, é preciso recordar como o repouso do sábado – para os Hebreus – tivesse um valor absoluto. Basta dizer que podiam ser condenados à morte todos aqueles que o violassem. O próprio Moisés decretou algumas.

Jesus, ao invés – justamente por amor ao único Absoluto que é Deus –, coloca o homem por ele amado no centro da atenção. Os seus tem fome e es-

tão atravessando um trigal. E até mesmo chegam a colher espigas! Nutrem-se mesmo que a lei do sábado – de um rigor exasperado – jamais o permitiria.

Agiu da mesma maneira como fez Davi ao se defrontar com a fome de seus soldados tomando o pão reservado como oferta a Deus e alimentando-os com este pão. Resultado! Jesus está consciente de poder violar esta lei absoluta, considerada intocável e colocada por Deus porque Ele é maior do que a oferta. Sim! Porque é o próprio Deus.

Jamais se dirá basta no que diz respeito à dignidade do homem e a primazia do homem sobre as coisas. Sobretudo hoje, em que se apresentam contínuas ocasiões para constatar precisamente o contrário. O homem torna-se escravo das coisas e até ele próprio se torna uma coisa, manipulado por outros homens. Quem o libertará? Cristo Jesus, o seu Evangelho! (JOÃO PAULO II).

O Senhor respondeu a Samuel: «Não olhes seu aspecto, nem a imponência da sua estatura. Eu o rejeitei porque não considero o que o homem considera. O homem vê a aparência, o Senhor vê o coração».

O conteúdo desta página bíblica nos possibilita atingir o vértice mais elevado do Primeiro Testamento e também aquele de todas as grandes revelações religiosas junto aos povos antigos. O contexto volta-se para Samuel. Deus lhe ordena de se dirigir a Belém, junto a Jessé. Entre os seus filhos o Senhor escolheu para si o rei que deve substituir Saul, aquele que *desobedeceu*. Sendo assim, Samuel chegou à casa de Jessé e lhe pediu para convocar os seus filhos. Sete se apresentam. Cada um mais lindo e de boa aparência do que o outro. Ao chegar o primogênito, Samuel, impressionado, pede a Deus se é ele o escolhido. Mas o Senhor o adverte de não priorizar a aparência, mas sim o que provém da raiz profunda do homem: o coração. De fato, Deus se detém no coração. Deus não se impressiona com a aparência exterior. Davi, o menor dos irmãos, nem mesmo fora convocado. Era um adolescente, algo que aos olhos do pai pouco ou nada contava. E eis a surpresa! A escolha de Deus recai no mais pequenino. E de imediato Davi é ungido rei. *O Catecismo da Igreja Católica* define o homem em busca da verdade e da felicidade como o *mendigo de Deus*.

Permito-me, agora, salientar tres aspectos da sua vida e missão de sacerdote guanelliano que hoje podemos nos trocar mutuamente como sua herança espiritual. Três componentes que refletem bem o carisma guanelliano: Deus no centro da própria vida e missão, os pobres no coração, Maria Mãe e Mestra de vida. Tres características que caracterizaram a vida de São Luís Guanella desde o seu início em Gualdera, o dia da sua primeira comunhão. Um trinômio que descreve, muito bem, a vida e a missão de um guanelliano.

1. Um homem enamorado de sua identidade e missão de consagrado ao Senhor, feliz de ser sacerdote, que nem o profeta Samuel. Humanamente falando também ele frágil em frente a um mundo muitas vezes violento, vingativo, não respeitoso da pessoa humana; mas justamente por ele ser de Deus, pertencer a

Deus, Padre Mário foi sempre fiel ao seu Senhor, disposto em anunciar a Sua palavra também em momentos difíceis. Defensor convicto e ardoroso e sempre disponível ao compromisso no tocante à fé, à Igreja, à moral cristã. Sempre pronto em cumprir a vontade de seu Deus na obediência e na aceitação de seus projetos, até mesmo daqueles não esperados ou previstos. Isso ele testemunhará até mesmo nas palavras que mandou colocar na imagem quando da morte de sua mãe Emma: *tudo aceitamos do Senhor*, um elogio não só de sua mãe, mas do grande valor em fazer a vontade de Deus em nossa vida a partir do exemplo de Maria e de Jesus.

Filho exemplar de São Luís Guanella, sentindo-se sempre beneficiado do Alto quando foi capaz em silenciar os seus ressentimentos, as suas pessoais posições e se colocou nas mãos da Divina Providência, daquele Pai tão bondoso que se inclina – enquanto dorme – para contar as batidas do seu coração.

2. Um homem amável e sensível particularmente com os mais fracos e frágeis. Os testemunhos dados ultimamente em sua memória evidenciam esta característica. Os treze anos transcorridos em nossos institutos de adolescentes problemáticos e os vinte e nove anos dedicados à pastoral paroquial em Nápoles, Messina, Naro e Ferentino confirmam esta solicitude guanelliana em prol dos últimos, dos doentes, dos portadores de deficiência. A atenção, o respeito, a defesa da pessoa, de cada pessoa, ou, melhor, daqueles que aos olhos da sociedade contam pouco, não tem vez e nem voz, não produzem, são suportados ou mesmo eliminados. Eis as categorias de pessoas que chamavam a sua atenção para atendê-los. Com alguns deles elaborou uma rede de relacionamentos tão sólidos e construtivos que também após as transferências se mantiveram trêmite o telefone, missivas e encontros ocasionais. Por isso são justamente estes que choram o sacerdote-pai simples, do coração na mão, da palavra de esperança sempre disponível. O homem positivo que sabia acolher com o seu otimismo sempre a parte mais bela e menos negativa da situação. À semelhança de seu Fundador – São Luís Guanella – para o qual o pobre é imagem da encarnação mais veraz e eloquente do próprio Cristo. Foi atraído pelos pobres não apenas pela sensibilidade face à sua condição, mas pelo desejo de poder com eles encontrar, amar e servir ao próprio Senhor. Jamais sentiu-se ser um filantrópico, mas sempre um enviado de Deus aos seus filhos prediletos para comunicar-lhes o seu amor de Pai, a sua ternura sem par.

3. Um homem animado por uma profunda e sincera espiritualidade mariana. Padre Mário era nomeado na Congregação como sendo *o mariano*. Quantas peregrinações aos grandes Santuários da Itália e do mundo por ele animadas. Quantos terços não terá rezado! Em todas as suas homilias sempre havia um pensamento ou uma referência a Maria, à sua vida de mulher, de mãe, de sofredora, de primeira discípula do Filho. As imagens recordam seus aniversários religiosos e sacerdotais. Todos eles trazem esta *marca de confiança mariana*. O santinho de seu 40º aniversário de Sacerdócio assim se expressa: *Ó santa Maria*,

Mãe do eterno sacerdote, acolhei a nossa humilde oração de perene agradecimento à Trindade Santíssima, pelo dom da Eucaristia e do sacerdócio católico.

Sua Mãe Ema inculcara nele esta certeza que – no transcorrer do tempo – transformou-se em fé sólida: o dia em que nasceste seu pai conseguiu emprego na fábrica em Colleferro. Transcorridos tres anos – juntamente com outras oitenta pessoas – defrontou-se com a morte devido a um grandioso incêndio. Deste modo fechou-se uma porta em nossa vida de família, mas Nossa Senhora sucessivamente abriu para nós um portão quando o chamou a seguir Jesus como sacerdote. Sua mãe Emma inculcara nele esta certeza que, com o transcorrer do tempo, Vejam: uma fé genuína, simples, aquela da mãe Emma, sem citações bíblicas ou teológicas, mas oriunda do coração de mãe que ama. Desta fé tão pura e genuína nutre-se a vida serena e preciosa de Padre Mário.

E hoje termina para ele o caminho terreno de espera, de esperança e inicia o tempo da comunhão, da festa, do amor que não terá mais fim.

Muito obrigado, Padre Mário, Servo da Caridade por este seu precioso e luminoso testemunho. Ficamos orgulhosos por ter sido nosso coirmão no caminho destes vinte anos vividos consigo. Com o nosso Santo Fundador, Padre Guanel-la, intercede do céu, ajuda a nos orientar-nos também nós, rumo àquela meta feliz que hoje você alcança e lhe faz viver no Senhor para sempre. Amém.

(Da homilia de Pe. Umberto Brugnoli em seu funeral)

2. Pe. Antonio Nastro

Nascido em Amalfi (Salerno), no dia 17 de novembro de 1927

Ingresso em Fara Novarese, no dia 2 de outubro de 1938

Noviciado em Barza d'Ispra,

a partir do dia 12 de setembro de 1943

Primeira Profissão em Barza d'Ispra,

no dia 12 de setembro de 1945

Profissão Perpétua em Barza d'Ispra,

no dia 12 de setembro de 1951

Sacerdote em Milão, no dia 29 de março de 1952

Falecido na RSA de Barza d'Ispra,

no dia 1º de fevereiro de 2012

Sepultado no cemitério d'Ispra



«A nossa pátria encontra-se nos céus»

«Quem come deste pão viverá para sempre»

Mantém ainda viva a recordação da urna com os santos despojos do nosso Fundador, justamente ali onde você está, estimado Padre Antônio. Como os

demais você também veio para venerá-lo e suplicá-lo. Quem poderia saber o que você pediu a ele! Talvez de se unir com ele na pátria celeste?

De fato o Apóstolo Paulo confortava os Filipenses com estas palavras: *Nós somos cidadãos dos céus... é de lá... Jesus transformará nosso mísero corpo tornando-o semelhante ao seu corpo glorioso*. Apesar da tristeza que nos aflige em celebrar a Eucaristia em sufrágio do nosso querido coirmão Antônio é assim que devemos volver o nosso olhar para o alto e crer firmemente que a nossa pátria encontra-se nos céus, onde habitaremos felizes para sempre na casa do Pai. É isso que a Palavra de Deus nos assegura e confirma. Isso é quanto cremos e esperamos também nós!

Uma das realidades que mais nos afligem – pensando na morte – é a fragilidade, a miséria do nosso corpo mortal. Também em Padre Antônio – primeiramente repleto de vitalidade e sempre em movimento, a tal ponto de não se permitir que parasse um pouco –, depois se enfraqueceu num acidente automobilístico, consumido pela doença e pela velhice. E agora eis seus despojos inertes, aqui neste caixão que entregaremos à terra para se dissolver no ciclo necessário e perpétuo das transformações naturais. Mas, por graça de Deus, nem tudo acaba aqui!

Jesus Cristo assumiu um corpo mortal para transformá-lo num corpo glorioso na sua ressurreição e ascensão ao céu. O nosso coro é o instrumento da nossa santificação: no Batismo ele é purificado pelo Pai, na Crisma é ungido pelo Espírito, na Eucaristia é alimentado pelo Corpo de Cristo. O corpo de Padre Antônio, além do mais, foi consagrado sacerdote e religioso por um ministério apostólico e de caridade evangélica. Portanto, é o nosso corpo, juntamente com a sua alma, que juntos, unidos, nos identificam como pessoa a usufruir daquela felicidade bem-aventurada que o eterno Pai nos prometeu em Cristo.

Padre Antonio nasceu em Amalfi no dia 17 de novembro de 1927. Os seus pais vem a óbito ainda cedo. Sobrevive, tão somente, a irmã Nunzia. Aos seus familiares, estimado Padre Antonio apresentamos nossos pêsames, particularmente à sua sobrinha, Marisa Preziosi. Pena que ela não possa estar presente. mesmo assim participa com sua dor e com sua devota oração.

Em 1938 Padre Antonio faz seu ingresso em nosso Instituto de Fara Novarese. Está com 11 anos e jamais deixará a Obra Don Guanella. De fato! Ele vem a falecer aos 84 anos de idade, justamente naquela Casa de Barza d'Ispra onde em 1943 fez o noviciado, onde emitiu os primeiros votos em 1945. Quanto à profissão perpétua ela ocorreu em setembro de 1951. Foi ordenado sacerdote em Milão no dia 29 de março de 1952. Se estivesse vivo estaria festejando os 60 anos de sacerdócio.

A sua vida religiosa guanelliana foi bem movimentada, seja pela sua personalidade como também por obediência. De Milão para Anzano del Parco (Como); de Cassago Brianza (Lecco) e Ceglie Messapica (Brindisi); de Ferentino (Frosinone) a Civita-Itri (Latina); ainda em Ferentino, depois em Fara Novarese (Novara); em seguida em Castano Primo (Milano), donde retorna à nossa casa de Milão, depois é enviado a Vellai di Feltre (Belluno), onde estivemos juntos por três anos. Depois vai residir em Milão, onde estivemos juntos por três anos. Depois segue para Chiavenna (Sôndrio) e Albizzate (Varese). Aporta em Barza em 1997, onde se aquieta até hoje no silêncio e na oração. O Senhor novamente o aguarda aqui em Barza, onde iniciou o seu percurso de amizade com Jesus para dar-lhe tempo de refletir e de santificar-se para estar preparado em ir ao encontro do Pai Eterno a prestar contas de sua vida.

A sua atividade na Obra Don Guanella é múltipla e variada. Vai do ministério pastoral – ao qual se sentia mais inclinado –, até o de educador das crianças e dos jovens em nossos vários Institutos. Foi também professor, visto ser laureado em línguas e especializado em frances. Mas a sua paixão era a *questua*, assim denominada numa certa época e consistia em passar de porta em porta para pedir qualquer coisa em prol de quem necessitado.

Nós estamos aqui, coirmãos e fiéis, não só para saudá-lo e dizer-lhe que o estimamos, assim como ele era, mas também confiá-lo – com as nossas preces –, à misericórdia do Pai, que São Luís Guanella queria que chamássemos *Papai*.

A Deus Pai elevemos, portanto, a oração eucarística em ação de graças pela viva, vivaz e animada dádiva, concedida a Padre Antônio e a interceder por ele mediante o sacrifício de Cristo Jesus.

Eu sou o pão vivo descido do céu. Se alguém come deste pão viverá eternamente. Assim nos disse Jesus no Evangelho que há pouco proclamamos. O Cristo que se faz presença por meio de suas palavras – sob a espécie do pão e do vinho –, não é um cadáver, mas é o Cristo ressuscitado, vivo, glorioso. Comendo deste pão, com pureza de espírito, garantimos, também nós, a vida eterna.

Padre Antonio não apenas se alimentou deste Pão santo, mas foi também Ministro. Celebrou cada dia a Eucaristia no decurso prolongado de sua vida. Em seu ministério sacerdotal também enviado, aconselhado, pregou para numerosos fiéis estas grandes verdades da nossa fé. Deus sempre o reconhecerá e pelo bem que fez colocará também um véu piedoso no caso de algumas faltas que tenha cometido.

A caridade cobrirá uma multidão de pecados, diz a Sagrada Escritura. E Padre Antônio espargiu em mãos cheias – um pouco em toda parte – a sua caridade, a tal ponto de colocar em prática concretamente a citação evangélica: *não saiba a mão direita o que faz a esquerda*. De fato ia ao encontro de quem podia para dá-lo a quem na necessidade.

Do Paraíso, Padre Antonio se voltará benigno, sorrindo por quando estamos dizendo e reconhecidos por quanto ocultamos.

Padre Antonio, agora que você está próximo do Santo Fundador intercede pela Congregação, pela Província Sagrado Coração, pela Casa de Barza e por todos nós.

Nós rezamos por você e dizemos até logo.

*(Da homilia de Pe. Remigio Oprandi
em seu funeral no dia 3 de fevereiro de 2012)*

3. Pe. Vittorio Mosca

Nascido em Cassano Irpino (Avellino),
no dia 28 de março de 1937

Ingresso em Gatteo, no dia 1º de outubro de 1950

Noviciado em Barza d'Ispra,

a partir do dia 12 de setembro de 1955

Primeira Profissão em Barza d'Ispra,

no dia 12 de setembro de 1957

Profissão Perpétua em Barza d'Ispra,

no dia 24 de setembro de 1963

Sacerdote em Como, no dia 25 de abril de 1965

Falecido em Agrigento (Casa paroquial), no dia 14 de fevereiro de 2012

Sepultado no cemitério de Agrigento



«Ouvi, meus caríssimos irmãos: Por acaso Deus não escolheu os pobres do mundo para enriquecê-los e torná-los herdeiros do Reino que prometeu?»

Hoje a escola de São Tiago nos recorda o que segue: muitas vezes aquele que se encontra à margem da nossa sociedade para nós ocupa o centro. Somos exortados com veemência em dar a preferência em nome de Jesus àquele que é excluído, em oferecer plena consideração ao pobre e acolher o transeunte. Ninguém se sinta rejeitado ou descartado, a partir do momento em que o próprio Cristo *a pedra que os construtores rejeitaram* tornou-se *a pedra angular, a pedra escolhida* (cfr. *1 Pd* 2, 6-11).

É o Espírito Santo quem ensina à alma um profundo amor pelos homens e a compaixão para todos os transviados. Não compete aos homens julgar (esta tarefa compete aos anjos no último dia, no tempo da ceifa (cfr. *Mt* 13, 41-42). A história, ao invés, é o tempo da misericórdia e da paciência de Deus que não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva (cfr. *2 Pd* 3, 9)!

Estimado Padre Vittorio: ao dar a última saudação nesta Eucaristia, na presença de seus familiares, de seus coirmãos, de seu bispo, do presbitério desta Diocese e dos seus tão amados paroquianos e amigos, estas palavras de São Tiago podemos percebê-las com autêntico reflexo em sua vida. Ninguém vem ao mundo por acaso. Cada um dispõe de um projeto a realizar, um projeto divino, porque Ele é a fonte. Como filho espiritual de São Luís Guanella quiseste e soubeste revelar a nós com sua vida esta escolha de predileção, de solicitude paterna, de solidariedade fraterna em relação às pessoas. Com que intensidade encontramos efetivadas em seu ministério as palavras fortes e provocadoras pronunciadas faz um tempo em nossa Assembléia capitular: fiquemos atentos para que os pobres não estejam apenas no centro de nossas casas, da nossa solicitude pedagógica, mas sejam colocados no centro de nosso coração!

Foi ontem ao entardecer ao tomar conhecimento que tinha sido encarregado de manifestar a saudação e o agradecimento da Congregação que li toda a sua correspondência e aquela deste povo de Agrigento com a nossa Cúria generalícia. É justamente dali que obtive a confirmação do que acabo de afirmar. No pedido ao Superior geral para evitar a sua transferência de Agrigento encontra-se escrito por este seu povo: *Foi Padre Vittorio com seu zelo e carisma quem atraiu milhares de fiéis nesta nossa tão vasta paróquia. Foi ele com a sua bondade e afeto a criar um relacionamento contínuo de amizade com os pobres, com os doentes, com os marginalizados. Jamais se poderá cancelar o seu perseverante interesse por toda a comunidade.*

Consta, também, um seu SOS dirigido aos Superiores após a transferência de Padre Arcangelo, reduzidos em dois. Escrevias: *A nossa Paróquia nestes últimos anos ampliou a tenda da caridade em muitos outros campos. O trabalho aumentou muitíssimo. A Providência tornou-se ainda mais Centro Pastoral, recreativo, cultural e – sobretudo – caritativo, muito além de seus confins. Tenho o grande desejo que não se danifique nada de quanto efetivamos com o auxílio de Deus, mas preciso absolutamente de um terceiro coirmão.*

Também eu recorro aquela viagem que fizemos juntos em visita às nossas missões na Índia, quando o vi entusiasta e desenvolto entre aqueles que manifestavam mais visivelmente os sinais da miséria, do sofrimento, da exclusão. A mim contavas que numa de tuas viagens à África regressaras tão somente com as roupas que você vestia. O restante deixaras àqueles que precisavam mais do que a sua pessoa. Muita generosidade a sua, Padre Vittorio! E esta comunidade cristã – sensibilizada por seu exemplo – faz com que ainda hoje outros coirmãos sustentem mais do que quarenta adoções a distância de crianças e pobres da Índia.

Corajoso você aplicou quanto São Luís Guanella nos educou a ver e viver: *O mais abandonado, aquele que os outros descartam, acolhei-o vós, colocai-o à mesa convosco porque esta pessoa é Jesus Cristo.*

A página evangélica colocou – também para nós –, o interrogativo fundamental de cada vida cristã: *Para você quem é Jesus Cristo? Esta pergunta, no*

Evangelho de Marcos, ocupa até mesmo o centro físico da narrativa, tamanha a sua importância. Poderíamos dizer que é uma pergunta central, vital. É necessário que também a nossa geração ouça ainda uma vez a pergunta que Jesus fez aos doze: E vós quem dizeis que eu seja?

Jesus ainda se encontra na Galiléia e o evangelista sugere ser daqui o início da viagem de Jesus rumo a Jerusalém. A afirmação da fé de Pedro – em nome de todos –, é bem clara: Tu és o Cristo! Que significa ser o Messias, isto é, o consagrado de Deus. Pedro, fizeste bem em professar a sua fé. É a maneira exata ao iniciar aquela viagem. Mas é ainda uma fé frágil, que precisa ser alimentada pelo Evangelho. De fato, Jesus vê-se na obrigação de admoestá-lo logo em seguida. Face à profecia da paixão, ou seja de um reino que incluiria também a morte, Pedro se opõe. Atingido pela necessidade da paixão não escuta, nem mesmo, o anúncio verídico da ressurreição, bem claro nas palavras do Mestre. Jesus, então, com aspereza inaudita compara-o ao príncipe do mal: *afasta-te de mim, Satanás! Tu não pensas como Deus, mas como os homens.*

Estimado Padre Vittorio, eis o segundo agradecimento que hoje desejamos externar: você foi um sacerdote alegre que deixava transparecer confiança, serenidade e alegria por pertencer a Jesus Cristo e à sua Igreja. À semelhança de Pedro – no decurso destes longos anos de sacerdócio –, outra coisa você não fez do que nos manifestar quanto é importante o Filho de Deus e quanta sabedoria e verdade se depositam em sua Palavra, em seu estilo de vida. Você também aplicou – nos momentos de sofrimento – quanto o Documento sobre a Vida Consagrada (nº 22) exprime como perfeita identidade do religioso: *Verdadeiramente a vida consagrada constitui memória viva da forma de existir e de atuar de Jesus Cristo, como Verbo Encarnado, face ao Pai e aos irmãos. Aquela é tradição vivente da vida e da mensagem do Salvador.*

Pensava ontem ao entardecer: quanto Deus foi amoroso com Padre Vittorio. Ele o chamou a permanecer com ele para sempre no dia que a tradição dedica aos enamorados: o dia de São Valentino! É o amor, o afeto, a amizade, a proximidade, o recordar-se dos aniversários através de um telefonema... foram atitudes que marcaram o seu ministério sacerdotal. Não um padre de sacristia, mas um evangelizador nas vias dos homens. Quanto cuidado sempre reservado às famílias, aos jovens namorados, preparando-se para o Matrimônio. Com quanta solicitude preparavas e envolvias pessoas especializadas para que, aqueles jovens tivessem, pelo menos naquele curso de preparação, elementos suficientes e convincentes para viver o matrimônio como um chamado de Deus, uma vocação em manifestar algo a todo o mundo. E assim a vida como vocação! Na leitura do seu fichário, ontem à tarde me deparei com duas cartas manuscritas: uma de sua mãe, Filomena e a outra de sua autoria quando eras jovem, pronto para alçar vôo rumo ao seminário. Há uma única matriz nas duas missivas: viver a vida como uma vocação desejada por Deus. Mamãe Filomena ao apresentá-lo ao Reitor do seminário escrevia: *Eu, Roberta Filomena declaro*

em deixar absolutamente livre o meu filho Vittorio para seguir a sua vocação sacerdotal entre os Servos da Caridade e confiá-lo completamente aos cuidados de seus Superiores para que cresça e se fortaleça a sua vocação.

Estupendas estas palavras de uma mãe disposta ao dom no momento da separação. E era de fato uma separação prolongada da família entrar no seminário. E o seu pedido de ingresso na Congregação, estimado Padre Vittorio deixa bem claro esta disposição de ânimo: *...peço de ser aceito como aspirante entre os Filhos do Servo de Deus don Guanella e estou confiante que o estimado pai conservará e acrescentará em mim com amor a Jesus também o espírito desta vocação.*

Caríssimos, enquanto saudamos com dor a partida de Padre Vitto rumo à eternidade, queremos todos assumir, aqui perante seus despojos mortais, um empenho concreto que dê continuidade à missão, agora por nosso intermédio. Devemos ainda querer bem aos pobres porque quem doa aos pobres doa a Deus e depois disso procuremos ser felizes por aquilo que somos, ou seja: *filhos de Deus* e do que possuímos, dons estupendos recebidos do Alto para alegrar e embelezar um pouco mais este mundo. E não vos parece que se Vittorio neste momento pudesse dizer-nos uma sua habitual expressão, sorrindo nos diria: força, coragem! Os mais belos somos nós!

Louvado seja Jesus Cristo!

(Da homilia de Pe. Umberto Brugnoli em seu funeral)

4. Pe. Loreto Domenico Della Morte

Nascido em Castel Sant'Angelo (Rieti),
no dia 26 de janeiro de 1927
Ingresso em Fara Novarese, no dia 9 de outubro de 1940
Noviciado em Barza d'Ispra,
a partir do dia 12 de setembro de 1945
Primeira Profissão em Barza d'Ispra,
no dia 12 de setembro de 1947
Profissão Perpétua em Barza d'Ispra,
no dia 12 de setembro de 1950
Sacerdote em Milão, no dia 5 de março de 1955
Falecido em Serrita, no dia 31 de maio de 2012
Sepultado no cemitério de Serrita



Padre Loreto – conhecido e chamado Padre Lino, na Congregação –, nasceu em Sant'Angelo, província de Rieti (Região do Lazio) em data de 26 de janeiro de 1927. Foi batizado no dia 30 de janeiro do mesmo ano e foi crismado

na Paróquia São José al Trionfale (Roma) no dia 30 de abril de 1938. Em nossa Paróquia de Roma frequentava o Oratório São José, coordenado pelos Guanellianos, onde sempre se sentiu como se estivesse em sua casa. Recordava, com frequência, os sacerdotes que deixaram marcas em seu íntimo. O Oratório se tornou a sua segunda casa. Após a missa ia jogar futebol, cultivava novas amizades e se aprimorava no teatro juntamente com os seus dois irmãos, nascidos mais tarde: Renato em 1932 e Mauro em 1937. A admiração pelos Guanellianos da Paróquia São José, a sua acolhida e simplicidade, a primorosa educação de casa e da Paróquia fizeram com que, aos poucos, surgisse no jovem o interrogativo da vocação. Respondeu ao apelo com coragem e serenidade!

Ingressou no seminário em Fara Novarese no mês de setembro de 1940, seguindo-se o noviciado em 1945. Fez sua primeira profissão no dia 12 de setembro de 1947. Foi ordenado sacerdote em Milão pelo Cardeal Giovanni Battista Montini, futuro Paulo VI, no dia 5 de março de 1955.

Padre Lino nunca trabalhou na Itália, como sacerdote Servo da Caridade. Já em abril de 1955 – um mês após a ordenação – iniciava o seu ministério sacerdotal no Brasil, mais precisamente na Cidade dos Meninos (Città dei Ragazzi), primeira obra assumida pelos Servos da Caridade no Brasil em data de 24 de outubro de 1947. Nesta casa os Guanellianos prestavam assistência e educação a meninos da rua que, naquele tempo, eram chamados delinquentes e que a polícia nos entregava, oriundos de todas as regiões do Rio Grande do Sul.

Padre Lino transcorreu os primeiros anos no Brasil exercendo o seu ministério de sacerdote guanelliano entre os pobres e especialmente entre as crianças e adolescentes internos de nossos Institutos. No decurso de 10 anos – de junho de 1966 até 1976 – foi pároco na paróquia Nossa Senhora de Nazaré no bairro Anchieta, Rio de Janeiro. Um bairro pobre, chamado *bairro dormitório* até hoje. Por qual razão? Porque muitas pessoas, ainda hoje, para sobreviver, vão de manhã cedo até a cidade do Rio de Janeiro para trabalhar. Retornam tão somente à noite às suas casas. Padre Lino sucede a Padre Mário Versé e enfrenta com coragem a sua nova missão. Não era um homem de gabinete ou diplomático. Traz em si muito bom senso, é alegre, pobre e aberto às necessidades do povo. Sendo assim, compra um terreno e constrói uma ala para a escola, a casa paroquial e salas adjacentes. O povo desta Paróquia – pobre, mas muito religioso –, afeiçãoou-se de tal modo ao Padre Lino que na *favela* deram o seu nome a uma viela, ainda em vida.

Em 1976 aporta em Brasília, capital do Brasil. E nos perguntamos: O que Padre Lino encontrou? Em termos de casa, um cubículo com ratos, baratas, mosquitos, morcegos... Dependências da Paróquia: um salão de madeira, algumas cadeiras, mesas e armários. Uma região intensamente povoada sem tradições culturais. Sim, Brasília foi fundada em data de 21 de abril de 1960. Padre Lino, na condição de Pároco assume o desafio de construir o templo da Paróquia em substituição à pequena capela,, mas sobretudo organiza o povo de

Deus. Ao longo de quatro anos vive neste cubículo, constrói a igreja, organiza a pastoral, mas não constrói a casa paroquial. Também aqui deixa a sua característica de bondade, de bonachão, mas também de simplicidade e de pobreza. Antes de tudo a casa de Deus e dos pobres. Depois aquela do sacerdote!

Na história da Província Santa Cruz Padre Mário Tarani assim se expressa: *Todas as vezes que tive a oportunidade de visitar o Padre Lino em Brasília fiquei admirado com a sua simplicidade e serenidade. O seu boné na cabeça, o seu cigarro, que não podia faltar, o seu simpático e agressivo cãozinho, sua única defesa pessoal. Sempre tranquilo nas mãos da Providência, sempre presente no canteiro de obras encorajando os leigos colaboradores, sem preocupar-se consigo, muitas vezes sem almoço e janta. Em suma, o perfil de um autêntico guanelliano.*

Padre Lino organizou muitas pastorais na Paróquia. Atenção especial ele deu aos jovens, aos casais, à catequese.

Em fevereiro de 1984 Padre Lino deixa Brasília. Destino: São Paulo. Ali como responsável da comunidade religiosa inicia a construção do Recanto Nossa Senhora de Lourdes, casa destinada aos portadores de deficiência, os prediletos do Senhor e do nosso Santo Fundador, Padre Luís Guanella. Transcorridos apenas dois anos, em data de 5 de maio de 1986 Padre Lino e Padre Remigio de Vettor iniciam uma viagem de 4 dias rumo a uma nova missão: o Nordeste do Brasil.

E viajam num *fusca* (famoso maggiolino). E após visitarem o Bispo Dom Paulo Cardoso, em Petrolina prosseguem rumo a Serrita, onde reside por dez anos, primeiro como vigário paroquial e em seguida como pároco. Em 1998 é transferido para assumir a Paróquia *Nossa Senhora do Perpétuo Socorro*, onde permanece praticamente até o término de sua vida, ao menos pelo coração, porque dois anos antes de deixar este mundo renunciou à Paróquia e se transferiu para repousar em *Serrita*, justamente na casa onde iniciara seu ministério no Nordeste brasileiro 23 anos antes. Muito amado pelo povo e pela sua fé... que sempre o protegeu, serviu e auxiliou com verdadeira dedicação evangélica.

A presença dos sacerdotes guanellianos no Nordeste brasileiro foi e continua a ser uma presença profética em meio ao povo de Deus pelo empenho de transformar uma fé individualista e intimista numa fé comunitária, aberta à transformação da vida. Ouvi várias vezes Padre Lino que dizia – seja nas homilias, seja nos diálogos pessoais –, que era necessário associar unir *fé e vida*, isto é, a fé deve ser vivida coerentemente através a prática da caridade. A presença guanelliana no Nordeste transformou a mentalidade deste povo e isso se deve ao empenho dos coirmãos que lá trabalharam, sobretudo o Padre Lino que – apaixonado pelo Nordeste – quis ali permanecer até o último suspiro.

Mas, em termos finais, qual o perfil deste autêntico Servo da Caridade? A bem da verdade não foi um homem de grande cultura, um estudioso, um homem de grandes revelações, mas, sim, um homem bem prático. Não foi um

homem místico, mas um homem que vivia com muita confiança na Divina Providência. Com frequência o repetia aos seus paroquianos. Não foi um homem de grandes projetos, metódico, mas um homem que vivia cada dia o carisma da caridade, quem sabe, talvez – como diz o evangelho –, não se preocupando com o amanhã. Não foi um homem de grandes reflexões transmitidas aos outros, mas pela sua simplicidade se fazia entender por todos, sobretudo das pessoas humildes e simples. Um homem formado pelo espírito de sacrifício, esquecido de si que soube imolar toda a sua vida em prol dos outros.

Por último podemos dizer que foi um sacerdote que amou e se deixou amar. Bem como dizia São Luís Guanella: *O Servo da Caridade deve amar e deixar-se amar*. Quem não conhecia a Toyota que Padre Lino usava? Todos. Apenas Deus sabe quantos e quantos quilômetros aquela Toyota percorreu pelas estradas, muitas vezes poeirentas com muitos buracos para celebrar a missa nas comunidades (cognominadas *sítios*, onde não há capela e o povo se reúne quer nas casas ou debaixo das árvores a fim de participar da missa).

Não é possível esquecer que Padre Lino foi um grande promotor vocacional em sua simplicidade com a sua vida que evangelizava. Muitas jovens ingressaram nas casas de formação as Filhas de Santa Maria da Providência, trâmite a direção espiritual de Padre Lino. Idem com diversos jovens Servos da Caridade, alguns ainda em formação que ingressaram em nossa Província graças ao seu incentivo. Todas as vezes que ia encontrá-lo em Cedro ele me pedia notícias a respeito de algum seminarista que ele enviara ao seminário. Podemos dizer, realmente, que Padre Lino se preocupou em encontrar quem o pudesse substituir agora que o Senhor o chamou a viver a seu lado no Reino do Amor.

Padre Lino teve deveras um coração missionário, à moda antiga. Sabia muito bem que, ao deixar a pátria em vista da missão ela é deixada para sempre, sem a nostalgia do retorno, de percorrer sobre os mesmos passos, bem como ensinou São Luís Guanella: *todo mundo é vossa Pátria*. Padre Lino retornou a primeira vez à Itália para rever seus familiares após 10 anos aproximadamente e a segunda vez em torno de 9 anos. No Brasil deu o melhor de si mesmo durante 57 anos de uma árdua e apaixonada missão. Padre Remigio de Vettor – falando de Padre Lino num belíssimo artigo publicado pela revista *Servire* (dezembro de 2012), onde salienta: *É justo enfocar estes heróis da caridade desconhecidos na Itália, mas admirados e amados no Brasil. Aqui nesta árida terra do Sertão – onde doou os últimos 26 anos de vida missionária, quis encerrar seus preciosos dias em data de 31 de maio de 2012 no meio de seu povo e aqui quis permanecer para sempre*.

O funeral foi celebrado em Serrita. Padre Lino deixou este mundo após uma longa doença. Jamais um lamento. Quando interrogado, *como está*, respondia: *Tudo bem, jóia!* Deixou-nos no dia 31 de maio de 2012 no hospital de Salgueiro. Transladaram seu corpo até a Paróquia de Cedro, onde uma grande multidão o esperava e após a cerimônia fúnebre permaneceu toda a noite e o

dia seguinte para uma outra celebração na catedral de Salgueiro, presidida pelo bispo Dom Magnus Henrique Lopes. Às doze horas do dia primeiro de junho foi conduzido a Serrita onde às 17 horas se reuniu um multidão em torno de 3000 pessoas. Dom Magnus presidiu a celebração. Concelebrantes: Dom Paulo Cardoso, Bispo emérito de Petrolina; Dom Manuel Reis de Farias, Bispo de Petrolina; Padre Ciro Attanasio, provincial dos Servos da Caridade; Padre José Lourival Taveira, Pároco da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de Salgueiro; Padre Antonio Pizzuto, Pároco da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de Verdejante e tantos outros sacerdotes diocesanos.

Na homilia houve pronunciamentos do Bispo diocesano, do Bispo emérito de Petrolina que instaurou *um diálogo* com Padre Lino. E por último a palavra do Padre provincial. A Missa durou em torno de duas horas e após a bênção todo o povo acompanhou o féretro ao cemitério.

Uma verdadeira apoteose de um sacerdote que doou toda a sua vida a serviço de Deus e dos irmãos do Brasil.

Agradecemos, Padre Lino por ter vivido no meio de nós, na certeza que o mundo – após a sua passagem –, é um pouco melhor porque você semeou amor e caridade, sementes nascidas do coração de Deus e destinados a embelezar e melhorar o coração dos homens.

Pe. CIRO ATTANASIO

5. Pe. Luigi Lazzaro Frangi

Nascido em Maslianico (Como), no dia 30 de março de 1924

Ingresso em Fara Novarese, no dia 3 de novembro de 1935

Noviciado em Barza d’Ispra,

a partir do dia 12 de setembro de 1940

Primeira Profissão em Barza d’Ispra,

no dia 12 de setembro de 1942

Profissão Perpétua em Barza d’Ispra,

no dia 24 de setembro de 1946

Sacerdote em Ferentino, no dia 22 de maio de 1948

Falecido em Caidate, no dia 31 de maio de 2012

Sepultado no cemitério monumental de Como



Obrigado, padre Luís, pela tua coragem!

Em meados de dezembro de 2009 chegas de Nova Olonio para apreciar a beleza do Monte Rosa. Ainda demonstras vigilância e estás atento às iniciativa que a Casa São Gaetano te oferece: antes de tudo uma comunidade de coirmãos que já te conhecem pelo teu testemunho de fé compartilhada na Itália e na (tua)

América do Norte. A teu lado encontram-se pessoas que, de imediato, sabem compartilhar a tua história narrada com teu olhar vigilante e penetrante.

Nascestes em Maslianico (Como) em data de 30 de março de 1924. Sete dias após – através do batismo – inicias a integrar a grande família cristã que te acolherá 16 anos após em Barza d’Ispra para conhecer de perto a vida dos Servos da Caridade na etapa formativa chamada Noviciado.

O conhecimento do Fundador move teu ânimo e o prepara para a aventura extraordinária da primeira profissão (era o dia 12 de setembro de 1942).

Com liberdade e... para sempre, consagras a tua existência na família guanelliana com a profissão perpétua em data de 12 de setembro de 1946.

No dia 22 de maio de 1948 a comunidade de Ferentino agradece contigo à Providência pelo dom do teu sacerdócio. Maravilha, estupor, entusiasmo te preparam para grandes opções que a vida religiosa e sacerdotal está reservando à tua pessoa.

Em meados de setembro de 1969 os Estados Unidos te acolhem, primeiramente como conselheiro e depois como superior em centros educativos que acolhem crianças e jovens abertos em vivenciar experiências e valores que *transbordam* do teu coração. A paixão do educar te impulsiona a buscar o mestrado em letras. Foi no longínquo 1974. Os jovens que se referem à tua pessoa não descobrem tão somente um mestre, mas sobretudo uma testemunha que – com clareza – relata suas certezas, mas também suas dúvidas e medos em se expor em ambientes nem sempre favoráveis.

Padre Luís, são os anos mais lindos do teu sacerdócio!

O educar em modalidade guanelliana, a descoberta do outro como pessoa única e irrepetível te permitia compartilhar com teus jovens americanos também as misérias humanas presentes na história de cada um.

Não era fácil naqueles anos expor-se em primeira pessoa pela coerência e pela partilha dos valores fundamentais da fidelidade e da transparência. Obrigado, Padre Luís, pela tua coragem!

Vinte e tres anos em solo americano não são poucos. Capacitado nos relacionamentos a Providência te chama ao santuário mariano de Tirano para *educar os corações à escuta da Palavra com a celebração dos sacramentos da Penitência e da Eucaristia*.

Disponível como sempre, durante seis anos partilhaste com as nossas irmãs (2000-2006) o slogan do Fundador: *dai-lhes Pão e Senhor*.

A tua coragem fez com que acolhesses a enfermidade como dom para *participar da conversão dos corações*. *Nova Olônio e Caidate*: duas residências nas quais a atenção à pessoa torna-se valor primário no respeito à dignidade de cada peça.

Aderindo ao projeto de música-terapia *o canto gregoriano* te possibilitava saborear antecipadamente a beleza daquele encontro ocorrido em data de 31 de maio de 2012.

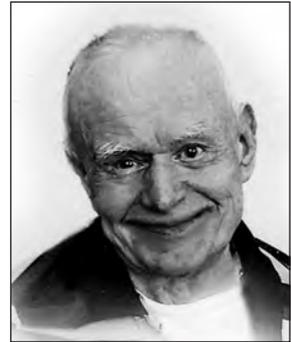
Padre Luigi, ao agradecer pela tua alegre pertença à família de São Luís Guanella concede-nos também o dom daquela *coragem* que te possibilitou dizer:

*«Sois um pequeno rebanho,
mas não temais,
porque o vosso Pai celeste
alegrou-se em dar-vos um reino.
E que reino é este? É o reino dos corações».*

Os coirmãos do “San Gaetano” de Caidate

6. Ir. Battista Nervi

Nascido em Verolavecchia (Brescia),
no dia 29 de junho de 1920
Ingresso em Milão em 1937
Noviciado em Barza d’Ispra,
a partir do dia 12 de setembro de 1938
Primeira Profissão em Barza d’Ispra,
no dia 12 de setembro de 1940
Profissão Perpétua em Barza d’Ispra,
no dia 12 de setembro de 1943
Falecido em Como, no dia 28 de agosto de 2012
Sepultado no cemitério monumental de Como



A serenidade e a paciência com a qual viveu o último período de sua doença na Casa de Repouso de Como corresponde exatamente à confiança com que ele se abandonara nos braços do Senhor, com base no convite do Salmo responsorial que nos faz repetir: *O Senhor é o meu pastor, nada me falta*. De fato, com a certeza que o próprio Senhor nos protege, mesmo que as forças e a saúde comecem a faltar, nada nos falta porque o Senhor está conosco.

A vida do Irmão Battista Nervi foi prolongada. Nasceu aos 29 dias do mês de junho de 1920. Chegara, portanto, aos 92 anos. Seu lugarejo nativo era Verolavecchia, Província de Brescia. Os seus pais eram Elia e Albini Anna, cuja recordação sempre acompanhou com saudade. Agora Irmão Battista poderá novamente abraçá-lo e dizer-lhes quanto rezou por eles e quanto desejou este encontro.

Já aos 18 anos – em data de 12 de setembro de 1938, após uma um tempo de permanência em nosso Instituto São Gaetano em Milão –, ingressa em o Noviciado da nossa Congregação em Barza d’Ispra, onde emite os votos temporâneos no dia 12 de setembro de 1940 e a Profissão Perpétua entre os Servos da Caridade em data de 12 de setembro de 1943.

Permanecerá em Barza ainda por um ano prestando o seu serviço na rouparia e na cozinha. O mesmo serviço ele prestará também em Como de 1944 a 1947. Com essa tarefa ele se aperfeiçoará também como alfaiate e cozinheiro. Tal atividade ele a desenvolve por muito tempo e com profissionalismo em todos os lugares onde a obediência o enviava. Muitos de nós recordam as ótimas tortas que ele preparava e os saborosos alimentos que preparava aos nossos idosos em Sormano, só para recordar alguns.

Agora é reservado a ele o banquete preparado no céu, como lemos na primeira leitura do profeta Isaías: *O Senhor preparará uma banquete... enxugará as lágrimas de seu rosto... e se dirá naquele dia: eis o nosso Deus! Este é Senhor pelo qual esperamos.*

Todo o mundo é vossa pátria dizia o nosso Fundador, São Luís Guanella. Portanto os Superiores em 1947 enviaram o Irmão Battista para a Argentina. No início trabalhou durante 20 anos e depois ainda por dois anos na Casa para Idosos em Santa Fé. Após este período de tempo retornou à Itália onde, por cinco anos, deu continuidade ao seu trabalho de roupeiro e cozinheiro em Barza d'Ispra.

De 1974 a 1995 retorna novamente a Como, onde prestará atendimentos primorosos a pacientes e idosos da nossa Casa de Repouso. Ali, por bem 21 anos será responsável por uma ala da nossa RSA. O seu estilo pacato e atencioso às pessoas eram uma característica sua, a tal ponto de suscitar a estima e o carinho de todos as pessoas que o encontravam. Era de poucas palavras, mas de muitos fatos concretos. Não perdia muito tempo com conversas fiadas, mesmo que apreciase entreter-se com pessoas inerentes às necessidades da casa.

Realmente de 1995 a 2011 – período em que foi incumbido de atender a rouparia desta casa – ele sempre teve grande zelo em relação às pessoas e ao trabalho que realizava. Quando ocorreu a passagem de gestão da lavanderia e da rouparia para a Cooperativa, ele viveu este período com muito sofrimento. Por mais que visse as vantagens, ele também percebia as dificuldades que as pessoas com as quais trabalhara poderiam encontrar. Por isso continuava a ajudar onde podia. A sua caridade guanelliana em relação aos operadores – do mesmo modo como aos anciãos – sempre o acompanhou no decurso de sua vida, transformando-se num grande exemplo de laboriosidade.

Neste último ano de sua vida, Irmão Batista soube carregar a cruz sobre os próprios ombros e seguir o Mestre Jesus: *Quem não toma a própria cruz e me segue não é digno de mim.* Toda a sua vida Irmão Batista a oferecera a Deus antes de tudo com a sua consagração religiosa. Foi um homem de grande fé e de intensa oração. Por isso não foi fácil para ele carregar a própria cruz. Mas ela se tornou mais leve graças à sua convicção religiosa e pelo seu amor a Jesus Cristo.

É sempre triste o momento da separação de uma pessoa querida, inclusive para os que tem fé num Deus, Pai bondoso e misericordioso. Mas a certeza das palavras de Jesus, que acabamos de ouvir nos trazem esperança: *Não se perturbe o vosso coração. Crede em Deus, crede em mim também... Eu vou pre-*

parar-vos um lugar... depois retornarei e vos levarei comigo, para que estejais também vós onde eu estou.

O lugar no Paraíso estava preparado para ti, caríssimo Irmão Batista e o Senhor Jesus veio te chamar justamente à noite (21,30 hs), em silêncio sem perturbar ninguém. Era o dia 28 de agosto, vigília do martírio de São João Batista, o grande Precursor, com a honra de teres o seu nome.

Agora, no Paraíso, os Anjos e os Mártires te acolham e para todos nós, coirmãos, parentes, amigos tenhamos uma recordação e uma prece. Nós, aqui na terra te apresentamos à Trindade Santíssima mediante o Sacrifício eucarístico, *Pão vivo descido do céu, penhor da vida eterna*. A Eucaristia com a qual nutriste a tua vida espiritual é, de fato, garantia segura da tua vida imortal em Cristo.

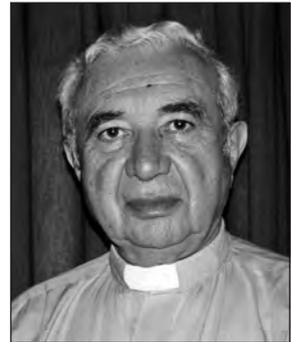
São Luís Guanella, com o qual te encontraste no céu, te concedeu o privilégio que os teus despojos mortais se encontrassem com as suas, aqui neste Santuário, antes dele iniciar de novo a sua peregrinação pelas Comunidades da Família guanelliana. De fato, a sua urna partirá logo após o término das tuas exéquias, às 12 horas rumo à nossa Casa de Gatteo.

No entanto te saudamos com afeto, estimado Ir. Batista, e te dizemos até logo!

Da homilia de Pe. Remigio Oprandi - 1º de setembro de 2012

7. Pe. Mário Gambuti

Nascido em Borghi (Forli-Cesena),
no dia 18 de maio de 1931
Ingresso em Milão em 1937
Noviciado em Barza d'Ispra,
a partir do dia 12 de setembro de 1947
Primeira Profissão em Barza d'Ispra,
no dia 12 de setembro de 1949
Profissão Perpétua em Barza d'Ispra,
no dia 12 de setembro de 1955
Sacerdote em Sant'Arcangelo (Forli),
no dia 29 de junho 1957
Falecido em Castano Primo, no dia 15 de novembro de 2012
Sepultado no cemitério monumental de Como



De avião ele retornara à Itália para uma urgente intervenção cirúrgica (tumor no cérebro). Padre Mário, porém, sempre permaneceu ali, no seu *Paraguai* com o qual sonhava todas as noites, revivendo momentos vibrantes de sua vida. Ela iniciou em data de 18 de maio de 1931 em Borghi de Sant'Arcangelo

(Romagna), que sempre teve em seu coração. Aos seis anos, órfão dos pais – ele e os irmãos – tiveram que deixar o lugarejo para ingressar no Instituto Don Ghinelli de Gatteo. Aqui, nos últimos anos, retornava em maio, acolhido pelos Coirmãos com muito afeto. Ali transcorria momentos festivos certamente recheados com um bom almoço que ele, como bom italiano da Romagna abençoava, regado com um bom Sangiovese. Sempre recordava a todos: sobrinhos irmãos, irmãs, especialmente Caterina da qual compilou uma breve biografia.

Sempre saudava com um afetuoso *hola*, palavra castelhana que corresponde ao nosso *olá* para se entreter com a pessoa. E quando alguém lhe perguntava se estava bem ele sempre respondia que *Não... Estou muito bem*. Isso deixava as pessoas num certo sentido tranquilas, mesmo sabendo de seus contratempos.

Com grande devoção presidia a Eucaristia em seu turno semanal na celebração da Eucaristia. No breve sermão (às vezes se dizia para abreviar) muitas vezes se comovia até às lágrimas, especialmente quando falava do perdão e do amor de Deus e transferia a sua emoção em quem estava presente. Falava do dom da vida e dava para sentir que estava convicto, mesmo que seus olhos estavam fixos em alguma cadeira de rodas. Nas homilias repetia citações com frequência e sentia-se seguro do que dizia.

Recebia frequentes visitas no quarto onde compartilhava a sua fé, distribuía intensamente pensamentos espirituais e conselhos, trocava experiências, oferecia amizade e muitas vezes recebia – bem agradáveis – saborosos chocolates que compartilhava ou presenteava.

Lia muito e passava boas horas escutando *Radio Maria* que fazia conhecer junto com a devoção à Nossa Senhora de Medjugorje.

À mesa ocorriam momentos lindos e *batalhados*, falando do Paraguai (havia quem o *provocasse* e ele não conseguia fugir das presumidas e inventadas drogas, escondidas nas coluninhas do altar. Também o provocavam por causa das repetidas leituras dos livros da Valdata. Às vezes pedia desculpas pelas suas atitudes e seguidamente se informava quanto à saúde dos Coirmãos que estavam doentes.

Absoluta a sua afeição à Congregação que, num certo sentido sentia a partir de seu ingresso em Gatteo. Emitiu os primeiros votos no dia 12 de setembro de 1949. E foi ordenado sacerdote em data de 29 de junho de 1957 em Sant'Arcangelo. Após uma breve experiência de educador-assistente das crianças em Riva San Vitale, ei-lo partindo para o Paraguai em 1960. E missionário sempre se sentirá, inclusive na vida cotidiana, na sua cadeira de rodas ou, mesmo, de seu leito. Ele tinha Cristo em seu íntimo. Por isso o oferecia sempre, a todos.

E jamais esmoreceu em sonhar com seu retorno ao Paraguai. Tinha a convicção – talvez alguém lhe dissesse que em Roma não lhe tivessem sido proporcionadas as melhores curas – e não lhe ofereciam um outro atendimento.

Sofria muito por causa disso, mesmo que diversos especialistas o continuassem atendendo e lhe dissessem que os cuidados médicos eram os mais apropriados – e como não pudesse manter ereta a posição – ele devia ser sempre um ca-deirante. Inversão e cura tão somente através de um milagre, que sempre aguardava.

Recebia muitos telefonemas daquele País e eram numerosas as visitas afetuosas que recebia, seja dos paraguaios residentes na Itália, seja daqueles vindos à Itália para saudá-lo e manifestar-lhe seu reconhecimento.

Contudo, para conhecê-lo melhor é preciso vê-lo à frente da obra no Paraguai, Nação da qual recebera um solene reconhecimento pelos seus feitos pouco antes de falecer.

Pe. VINCENZO SIMION

Fotocomposizione di
3F PHOTOPRESS
Viale di Valle Aurelia, 105
00167 Roma - Tel. 06.3972.4606
E-mail: tipo@3fphotopress.it

